



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS - DLCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

DÉBORA ANDREZA DE OLIVEIRA LISBOA

**METODOLOGIAS DE ENSINO E CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA O GÊNERO
SEMINÁRIO: UMA ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES**

CARAÚBAS - RN
2022

DÉBORA ANDREZA DE OLIVEIRA LISBOA

**METODOLOGIAS DE ENSINO E CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA O GENÊRO
SEMINÁRIO: UMA ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Libras.

Orientadora: Profa. Ma. Rosângela Ívina Araújo dos Santos.

CARAÚBAS - RN

2022

© Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

L769m Lisboa, Débora Andreza de Oliveira.

Metodologias de ensino e critérios avaliativos
para o gênero seminário: uma análise de teses e
dissertações / Débora Andreza de Oliveira Lisboa.
- 2022.

54 f. : il.

Orientadora: Rosângela Ívina Araújo dos Santos.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-Árido, Curso de Letras / Libras,
2022.

1. Gênero Seminário. 2. Critérios de avaliação.
3. Ensino. I. Santos, Rosângela Ívina Araújo dos,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em
conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito
RodriguesCRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

DÉBORA ANDREZA DE OLIVEIRA LISBOA

**METODOLOGIAS DE ENSINO E CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA O GENÊRO
SEMINÁRIO: UMA ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras Libras.

Defendida em: 14/ 11 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Rosângela Ívina Araújo dos Santos (UFERSA)
Presidente

Profa. Dra. Elaine Cristina Forte-Ferreira (UFERSA)
Membro Examinador

Prof. Me. Francisco Ebson Gomes Sousa (UFERSA)
Membro Examinador

*Ao Alfa e o Ômega.
Aquele que é, que era e que há de vir.
Ao Todo-Poderoso, meu Abba, à Deus.
Sem a sua mão poderosa sobre mim,
jamais conseguiria.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus por ter me dado o dom da vida e me permitir viver para realizar o sonho de concluir a primeira graduação. Quando pensava que não conseguiria, a mão dEle me sustentava e fazia-me lembrar que “ainda que a minha mente e o meu corpo enfraqueçam, Deus é minha força. Ele é tudo que eu preciso” (Salmos 73:26).

À minha mãe, Rita, por sempre estar ao meu lado e me incentivar a percorrer o caminho da educação. Às minhas irmãs Daiane e Dairys por estarem sempre me dando o apoio e o suporte necessário desde o início de minha vida até o momento em que escrevo estas palavras. Dairys, serei grata eternamente por ter abdicado de sua adolescência ao ir embora para outro estado afim de trabalhar e me dar o sustento que a nossa mãe não podia. Daiane, lembrarei pelo resto de minha vida por todos os sacrifícios feitos por você para que eu pudesse ter as mínimas condições de frequentar a escola.

Agradeço à minha madrinha, Elizaete Nascimento, por ter me apresentado o mundo da docência e ser espelho onde consigo ver o reflexo da sabedoria, do amor, da cumplicidade, equilíbrio e paciência. Madrinha, talvez a senhora nem saiba, mas és minha inspiração de mulher, mãe e profissional. Gratidão eterna pelos ensinamentos e carinho dedicados a mim enquanto sua afilhada. Saiba que os levarei pelo resto de minha vida. A senhora será sempre minha inspiração.

Agradeço à minha amiga Alexya por todo apoio durante todo esse percurso na academia. Aos meus amigos Heitor e Viviane, por estarem sempre dispostos a me ajudarem no que for preciso. Ao meu grande amigo e irmão que a vida deu, Filipe, por estar sempre comigo desde a infância até hoje. À minha querida Bruna Vieira, por me animar em dias que eu pensava que não daria conta. À icônica e amada amiga, Ana Cristina, por desde o ensino médio está presente em minha vida e trazer cor e alegria para meus dias cinzentos. Ao querido e amado amigo, João Neto (*in memoriam*) por ter me dado a maior lição que alguém poderia dar, mostrando que aqui na terra somos simples viajantes e o que realmente fica é o que construímos enquanto legado. João, onde você estiver, gostaria que soubesse da minha gratidão por todo incentivo e motivação enquanto pudemos caminhar juntos aqui na terra.

Agradeço a querida profa. Elaine Cristina por ter me apresentado o mundo da pesquisa e despertado a minha “veia científica”. Aos grupos de pesquisa GLINET – Grupo de Pesquisa Linguagens e Internet e ORALE – Grupo de Pesquisa Oralidade, Letramentos e Ensino (a querida família GLINALE) por todas as discussões que só me fizeram crescer academicamente. Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) por financiar pesquisas que contribuem para o

desenvolvimento da ciência através de trabalhos que auxiliam professores e despertam em alunos, como eu, o interesse e amor pela ciência.

Agradeço a Heliodoro Sena, por todo esforço e compreensão durante esse período da graduação. Ao meu cunhado Hélio, pelos dias que abandonou seu serviço e dispôs-se a ir comigo até o compus. À minha sogra, Eliete e minhas cunhadas (em especial Sarajane e Elizabel) por estarem sempre torcendo pelo meu sucesso e pelos constantes incentivos.

Agradeço as irmãs que a graduação me deu, Genilda e Geonara, por toda a parceria mútua desenvolvida ao longo do curso. À minha turma, de modo geral, por todo trabalho em equipe desenvolvido com muito amor e bom humor. Agradeço ainda, de forma especial, aos meus colegas e professores surdos: prof. João Batista, profa. Niáscara, profa. Izabela, profa. Márcia, Victor e Mayane pelas trocas de conhecimento e por todas as vezes que me ensinaram um sinal novo. Graças ao contato com vocês, meus queridos, aprendi a amar e a respeitar a comunidade surda com todo o meu coração.

Agradeço ao prof. Ebson Gomes por todo o suporte prestado ao decorrer do curso, por ter acreditado em minha capacidade e por desenvolver trabalhos importantíssimos comigo. Querido professor, em você inspiro-me e espelho-me para que possa ser uma profissional que desempenha o trabalho com amor, ética e excelência. Seus ensinamentos ficam para além do curso, os levarei para minha vida.

Agradeço ao amigo Clesmer e sua esposa, minha amiga, a qual tenho muito orgulho de sua trajetória e hoje posso atribuir os seguintes adjetivos: pedagoga, mãe, esposa, escritora lúdica e poeta, Luciana Carlos, por cada vez que olhou em meus olhos e disse que eu não poderia me conformar com a situação que vivia. O encontro com vocês, Lú e Clesmer, fez-me mais forte do que eu achava que era. A vocês, minha eterna gratidão.

Agradeço a minha orientadora, Rosângela, que carrega consigo um apelido que faz jus a sua personalidade: Rosinha, que além de orientadora é colega de grupo e irmã acadêmica de pesquisa com quem tenho o enorme prazer de desenvolver pesquisas na área da oralidade. Obrigada por acreditar em meu potencial e aceitar o desafio de estar me orientado nesta etapa final do curso.

Agradeço a Banca Examinadora por disponibilizarem seu tempo para estarem prestigiando o meu trabalho e dando suas relevantes contribuições para que possa aperfeiçoá-lo. Por fim, agradeço a todos aqueles que duvidaram do meu potencial, disseram que eu desistisse e me criticaram enquanto aluna. Muito obrigada, tudo isso serviu de motivação para que eu pudesse chegar até aqui.

Alguns homens vêem as coisas como são, e dizem: “por quê?”. Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo: “por que não?”.

George Bernard Show

RESUMO

Este trabalho é resultado final de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida no ano de 2019, a qual tem por objetivo desenvolver um estado do conhecimento sobre o gênero seminário acadêmico com foco nos critérios avaliativos e nas metodologias de ensino com o gênero. Para tanto, nos embasamos em Bueno e Abreu (2010), Dolz, Pietro, Schneuwly e Zahnd (2004), no que diz respeito ao gênero seminário; em Bakhtin (2006), no que diz respeito a uma perspectiva sociointeracionista da linguagem; em Marcurschi; Dionisio (2007), Bueno (2008); Forte-Ferreira (2014), Bueno; Costa-Hubes (2015), para refletir sobre oralidade e ensino de gêneros orais na escola. O levantamento de dados foi realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no ano de 2018. Em que pesquisamos por trabalhos já existentes na área da oralidade que tivessem o gênero seminário como foco de pesquisa. A partir disso, encontramos 15 resultados dos quais, após aplicação dos critérios de escolhas, foram selecionados apenas 09. Todavia, não foi possível encontrar 05 desses trabalhos, de modo que apenas quatro foram analisados. As análises foram feitas à caráter interpretativo, uma vez que nos trabalhos não eram apontados os possíveis critérios avaliativos para o gênero em questão. De modo que, ao final desta pesquisa, podemos identificar dez possíveis critérios avaliativos e uma metodologia didática de ensino que acreditamos corroborar com as práticas docentes no que diz respeito ao gênero seminário.

Palavras-chave: Gênero Seminário. Critérios de avaliação. Ensino.

ABSTRACT

This work is the result of an Initiation research developed in the year of evaluation 2019, which aims to develop a state of knowledge about the scientific genre and the objective focus on evaluating the scientific genre and the focus on objective teaching methodologies. For that, we base ourselves on Bueno and Abreu (2010), Dolz, Pietro, Schneuwly and Zahnd (2004), with regard to the seminar genre; in Bakhtin (2006), with regard to a socio-interactionist perspective of language; in Marcuse; Dionisio (2007), Bueno (2008); Forte-Ferreira (2014), Bueno; Costa-Hubes (2015), to reflect on orality and the genre of oral teaching at school. The data collection was carried out in the Catalog of Theses and Dissertations of CAPES. With the ten professors in this research, we can identify possible evaluative criteria and a teaching methodology that we believe corroborates with practices that do not concern the seminar genre.

Keywords: Seminar Genre. Rating criteria. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dicotomias entre fala e escrita	15
Figura 2 - Filtros de pesquisa	23
Figura 3 - Busca do tema no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	23
Figura 4 - Busca da dissertação no google (parte 1)	24
Figura 5 - Busca da dissertação no google (parte 2)	25
Figura 6 - Dissertação não disponível.....	26
Figura 7 - Textos sobre gêneros orais com enfoque no seminário	30
Figura 8 - Itens contemplados na produção de um seminário acadêmico.....	44
Figura 9 - Possíveis critérios avaliativos.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Filtros de pesquisa	22
Quadro 2 - Critérios de escolha das dissertações.....	27
Quadro 3 - Categorias e critérios para análise das dissertações.....	27
Quadro 4 - Dissertações encontradas no site do catálogo de teses e dissertações da CAPES	28
Quadro 5 - Possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário presentes em Sá (2011).....	33
Quadro 6 - Possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário presentes em Santos (2012).....	40
Quadro 7 - Artigos analisados por Fonteque (2017).....	41
Quadro 8 - Possíveis metodologias de ensino e critérios de avaliação contidos em Lima (2012).....	48
Quadro 9 - Possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário acadêmico.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Da perspectiva sociointeracionista da linguagem	17
2.3 Do gênero seminário acadêmico.....	20
3 METODOLOGIA.....	22
4 ANÁLISE E RESULTADOS.....	28
4.1 - Estratégias de polidez nas (sócio) interações em seminários: um estudo de faces (SÁ, 2011)	31
POSSÍVEIS CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA O GÊNERO SEMINÁRIO PRESENTES EM SÁ (2011).....	33
4.2 O processo de apropriação do gênero seminário por estudantes recém-ingressos no contexto universitário (SANTOS, 2012)	34
POSSÍVEIS CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA O GÊNERO SEMINÁRIO CONTIDO EM SANTOS (2012)	40
4.3 O hipergênero textual multimodal seminário no ensino da língua portuguesa (FONTEQUE, 2017).....	41
4.4 Gêneros discursivos orais em perspectiva: a construção de sentidos em eventos de letramento na voz de acadêmicos de história (LIMA, 2012)	45
5 CONSIDERAÇÕES (SEMI)FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Ao decorrer do tempo, percebemos que os gêneros orais não são valorizados no espaço de ensino, sobretudo quando comparado com as práticas com gêneros escritos, isto porquê existe um pensamento de que a escola é lugar de aprender a escrita e a leitura, de forma que perpetua a ideia errônea de supervalorização de uma modalidade em detrimento da outra.

Koch (2008) apresenta um quadro, em que mostra uma perspectiva de quando se considera a oralidade e a escrita como dicotômicas. É importante deixar claro que a autora não corrobora com este pensamento, apenas explana como era entendida, ou algumas pessoas ainda entendem, a relação entre as duas modalidades:

Figura 1 - Dicotomias entre fala e escrita

Fala	Escrita
• Contextualizada • Dependente do contexto • Implícita • Redundante • Não-planejada • Imprecisa • Não-normatizada • Fragmentária • Pouco elaborada • Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas • Pouco uso de passivas, etc.	• Descontextualizada • Autônoma (em relação ao contexto) • Explícita • Condensada • Planejada • Precisa • Normatizada • Completa • Elaborada • Predominância de frases complexas, com subordinação abundante • Emprego freqüente de passivas etc.

Fonte: Koch (2008).

Conforme apontamento do quadro acima, é possível pensar que ainda existem pensamentos que consideram a fala e a escrita como duas áreas distintas. Todavia, sabemos que existem contextos em que as falas se aproximam muito da escrita formal, bem como existem contextos em que a escrita se assemelha muito a fala informal. Um exemplo que podemos citar, em relação à isto, são as notícias dadas nos jornais, as apresentações orais em eventos acadêmicos, exposições orais, entrevistas de emprego, dentre outras situações em que se faz necessário o uso formal da fala. Outro exemplo bastante comum, são os diálogos feitos através das redes sociais. Diariamente milhões de internautas utilizam não só a fala, mas também a escrita para se comunicar com o mundo informalmente. A forma como estes usuários escrevem em suas redes, lembra bastante a forma como nos comunicamos no dia a dia, ou seja, uma situação em que utilizamos a escrita de modo informal. Ou seja, isto significa dizer que o grau

de formalização (ou não) utilizado na interação verbal escrita ou oral se dá a partir do contexto em que esta situação é produzida.

Quando pensamos na escrita como referência, logo atrelamos a mesma ao uso de uma gramática normativa, que objetiva orientar o bem escrever e, de forma indireta, o bem falar. Desta forma, percebemos que a oralidade se torna inferior. Alguns pensadores, enxergam a oralidade como um campo que requer planejamento e replanejamento constante, isto implica dizer que não haveria muito tempo para o enunciador planejar e rever seu texto, como ocorre com a escrita.

Porém, há casos em que a oralidade pode ser previamente planejada, como é o caso dos seminários acadêmico, das conferências e mesas-redondas. O gênero seminário, por exemplo, é uma prática que requer este planejamento no discurso oral antecipadamente, visto que este é comumente utilizado nas mais variadas universidades de todo o mundo como uma forma de avaliação. Entretanto, embora recorrente, ainda não há uma forma ideal de avaliá-lo de modo sistematizado. Com isso, a partir deste estudo, objetivamos desenvolver um estado do conhecimento sobre o gênero seminário, no que diz respeito a critérios avaliativos partindo das análises de algumas dissertações de mestrado que pesquisam sobre este gênero.

Em virtude das ocorrências supracitadas, percebemos que existe uma lacuna no que diz respeito às metodologias de ensino para o gênero seminário, bem como, os possíveis critérios avaliativos. Em virtude disso, o objetivo deste trabalho é identificar possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário, bem como, as possíveis metodologias de ensino do gênero. Uma vez que não existe uma forma sistêmica para que este gênero oral seja avaliado.

Uma vez que o mesmo é utilizado em diversos âmbitos do ensino como forma de atividade avaliativa para os alunos. Ao decorrer deste trabalho, mostraremos contribuições de autores em quem nos ancoramos para poder desenvolver esta pesquisa, os métodos utilizados para que este trabalho pudesse ser desenvolvido, análises detalhadas das nove dissertações de mestrado que foram selecionadas no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, nossos resultados obtidos após a análise e, por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutiremos acerca das contribuições teóricas sobre o ensino dos gêneros orais na escolas, em que autores como Schneuwly e Dolz (1999) nos trazem uma noção do que são os gêneros orais, sua avaliação e seu funcionamento no quadro escolar e o caminho traçado para que esse gênero (neste caso, o gênero seminário acadêmico) possa ser melhor conhecido e utilizado; Bueno (2008) que trará importantes considerações acerca da avaliação e análise de um texto oral trazendo contribuições sobre a verificação do contexto em que o gênero oral foi produzido, sua organização textual e suas marcas linguísticas e não linguísticas; e, por fim, algumas estratégias didáticas para o ensino de gêneros orais Dolz e Schneuwly (1999) que nos mostrarão o caminho a ser seguido para um ensino que objetive o domínio de um gênero oral.

2.1 Da perspectiva sociointeracionista da linguagem

Com base no que pensa Bakhtin (2000) sobre o gênero do discurso, podemos refletir sobre as diversas formas adotadas da linguagem: “cada enunciado particular e individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 2000, p. 262). Assim como sua riqueza, as diversidades destes gêneros são inesgotáveis, pois a cada dia crescem e se diferenciam, a partir da medida em que se desenvolvem e se complexificam.

Ao falar sobre a natureza dos enunciados e seus diferentes contextos de comunicação, Bakhtin (2000) distingue os gêneros discursivos em primários e secundários:

[...] os gêneros primários, por sua vez, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (BAKHTIN, 200, p. 281).

Os gêneros primários são orais e relativos às características da comunicação humana, como as interações de linguagem cotidiana com os familiares, por exemplo. Enquanto os gêneros secundários “surtem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (BAKHTIN, 2000, p. 263).

Levando em consideração estas questões, entendemos que a construção de um gênero secundário, está ligado ao fato de dispor instrumentos complexos e que, nesta construção os gêneros primários são os instrumentos de criação dos secundários. Desta forma, acreditamos na possibilidade de que trabalhar um gênero como o seminário no contexto do ensino superior,

possibilita o desenvolvimento das capacidades individuais do aluno, assim como, o reconhecimento desse gênero como objeto de ensino pelo docente.

Segundo Marcuschi (2001), na língua, existe algo contínuo entre os gêneros orais e os escritos, podendo algum deles apresentar mais características típicas da oralidade ou da escrita. Dentre outras características, de acordo com o autor, fala e escrita apresentam usos estratégicos, ligação estreita com o contexto e caráter interacional. Sobre os gêneros orais, Dolz e Schneuwly (2004), os define como a interatividade por meio da fala que compõem e respeitam estes componentes do enunciado.

Eles não são imortalizados na dualidade existente pressuposta entre fala-escrita. Pelo contrário, foi criado em uma vasta área de discurso, bem como a representação mais próxima do modelo ideal de interação. Desta forma, pelo fato de estarem ligados, Castilho (2006) mostra a importância de refletirmos sobre as características da língua falada para que a partir disso possamos compreender os gêneros orais.

Travaglia (2013, p. 6) apresenta outras características inerentes aos gêneros orais: No que respeita aos elementos característicos da língua oral (entonações, altura de voz, tom, etc.) eles serão considerados como característicos de todo e qualquer gênero oral. Serão caracterizadores de um gênero em particular quando ocorrerem de maneira sistemática e particular nesse gênero. Outro aspecto que merece destaque é a diferença feita por Marcuschi (2001, p. 25-26) entre oralidade e letramento:

oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso [...]. O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade [...]. A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano [...]. A escrita seria um modo de produção textual-discursivo para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica [...]. (grifos do autor)

Através deste pensamento do autor, podemos perceber a importância de enfatizar os textos falados, como também gêneros textuais orais. Ao pensarmos sobre o ensino desses gêneros na escola, tendo em mente o consenso de que os alunos sabem falar, pode-se dizer que, a oralidade é deixada em segundo plano, tanto por professores quanto pelos manuais didáticos. Nosso objetivo aqui, não é culpabilizar a escola ou os professores, mas trazer a consciência de que em diversos casos, existe o desconhecimento da distinção entre oralidade e fala, como dito anteriormente.

É importante que a escola utilize uma postura de heterogeneidade no que diz respeito à língua, reconhecendo a importância de abordar gêneros orais para discutir situações interacionais em que a oralidade está em foco. Com base nessas principais características correspondentes à oralidade e aos gêneros orais, podemos refletir sobre o lugar e a função da oralidade nas salas de aula.

Há bastante tempo é conversado sobre a necessidade de inclusão da oralidade em sala de aula, de forma que não sejam vistos apenas os gêneros escritos o que precisam ser desenvolvidos, mas também os gêneros orais, como o seminário, por exemplo, que é sempre citado como uma atividade responsável pelo trabalho com o oral, que também desenvolve práticas de leitura e escrita.

Sendo o seminário uma das práticas de oralidade mais formal existente na universidade percebe-se, através de sua produção, situações que exigem do apresentador um posicionamento diferenciado e mais formal que a discussão de textos. Tendo em vista que a produção deste gênero proporciona momentos que possuem a capacidade de alicerçar ou embasar situações posteriores que irão exigir do aluno que está apresentado aquele gênero maior atenção para encaixa-se à sua formalidade e complexidade.

Nessa perspectiva, podemos dizer que os gêneros orais e escritos, embora possuam diferentes características, não se sobrepõem. Pelo contrário, se completam. Uma vez que durante o momento de uma apresentação de seminário é necessário que os alunos previamente estudem o conteúdo e pratiquem a forma como este será apresentado. Desta forma, durante este momento de apresentação, os alunos adotam uma postura a que não estão acostumados, destacando-se numa situação de exposição oral.

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas. Contudo, ainda hoje, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade, quando comparada à escrita. Uma das principais razões do descaso com a língua falada continua sendo a crença generalizada de que a escola é o lugar do aprendizado da escrita, e não da fala. (CAVALCANTE & MARCUCHI, 2005, p.128).

Assim como um local que visa o ensino do “bem escrever”, a escola também é lugar de ensinar o “bem falar”. Todavia, é perceptível que a prática deste último não é tão comum nas salas de aula, uma vez que é perceptível o ensino dos gêneros textuais escritos sendo priorizados e os orais sendo deixados para segundo plano. Levando em consideração o fato da existência de vários gêneros textuais orais existirem neste imenso campo que é a oralidade, podemos dizer que mais do que um meio de comunicação, ela também é um objeto de ensino. Podemos citar

como exemplo, o gênero seminário, que é utilizado em diversos âmbitos do ensino pelos professores como meio de avaliar seus alunos.

Apesar de recorrente, notamos uma lacuna existente a respeito de critérios avaliativos para o gênero seminário, no entanto. De acordo com Bueno e Abreu (2010, p.120) existem diversos elementos a serem observados, tais como: a apresentação, a fidelidade ao texto indicado, a clareza na exposição, os recursos audiovisuais empregados, a coesão do grupo etc. Por este motivo, buscamos através desta pesquisa identificar as possíveis dificuldades enfrentadas pelos professores durante a aplicação do gênero seminário em sala de aula e dos alunos em apresentar e desenvolver o gênero proposto. Por este motivo, nos embasamos em teóricos que discorrem sobre o tema e estarão guiando nossas análises.

2.3 Do gênero seminário acadêmico

De acordo com Schneuwly e Dolz (1999 p. 05) o gênero é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, geralmente voltados para o ensino da produção de textos orais e escritos. Para que o nosso objetivo principal seja alcançado, nos baseamos em três etapas, que de acordo com estes mesmos autores são: 1) a noção de gênero que é situada na prática de linguagem e de atividade de linguagem; 2) a avaliação de seu funcionamento no quadro escolar; e 3) o caminho que é traçado para que este gênero possa ser melhor conhecido e utilizado.

Bueno (2008 p.10) fala sobre a importância de os alunos aprenderem a utilizar os gêneros textuais orais ou escritos, adequados a cada situação de comunicação, para que através destes possam agir na sociedade por meio da linguagem. Assim como Forte-Ferreira (2014, p. 46) explica a importância do ensino da oralidade em sala de aula, pois através desta prática, o aluno experimenta elementos que são utilizados durante o processamento da língua oral, que eles são diferentes do da escrita, por se darem em momento real, os quais não podem ser apagados, mas reparados. A partir da nossa compreensão no que diz respeito ao ensino dos gêneros orais nas instituições de ensino, voltamos nossa atenção, principalmente, para o gênero seminário e os trabalhos que estão sendo desenvolvidos para que sejam sistematizados critérios de avaliação para o mesmo.

A análise de um texto oral, depende de alguns critérios, cujos quais serão utilizados posteriormente para orientar o aluno em como melhorar a sua apresentação oral. De acordo com Bueno (2008, p. 11) podemos destacar três deles: a verificação do contexto em que aquele

gênero foi produzido, a organização textual, suas marcas linguísticas (termos que, além de fazerem parte dos enunciados, fazem parte da língua) e as marcas não linguísticas.

Como cita Bueno e Abreu (2010 p. 120) o principal problema está no fato de que, ao contrário dos textos escritos, que tem um suporte de ensino em revista, livros, etc., os textos orais exigem outras formas de organização que possam torná-los, de fato, objetos de ensino. Não é comum vermos textos orais sendo ensinados com a mesma frequência em que vemos textos escritos, percebemos aí uma certa discrepância no que diz respeito ao ensino destas duas modalidades do gênero. Enquanto o gênero escrito é trabalhado a partir de diversas formas e ensinado a partir de diversos veículos, o ensino da oralidade é precarizado.

Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela e, em segundo lugar, para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. (DOLZ; SCHNEUWLY, 1999, p. 10).

Assim como os gêneros escritos, os gêneros orais também possuem sua importância no campo do desenvolvimento cognitivo do aluno, e é dever da escola didatizá-los de forma que alunos e professores o dominem. Schneuwly e Dolz (1999, p. 7), afirmam que o gênero trabalhado na escola, é sempre uma variação do gênero de referência, construída em uma dinâmica de ensino/aprendizagem, para tanto é sugerido por eles um *modelo didático de gênero*. Nestes modelos são explícitos conhecimentos que ainda são implícitos sobre o gênero e possuem duas grandes características, que são:

- 1) Ele constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores;
- 2) Ele evidencia as dimensões ensináveis a partir das quais diversas seqüências didáticas podem ser concebidas. (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999, p. 7).

Os autores ainda afirmam que, evidentemente, no interior de cada uma dessas dimensões, uma progressão é possível, podendo esta ir de uma simples sensibilização em recepção a um aprofundamento maior em produção. Sabendo disto, a partir da compreensão dos elementos que constituem a análise de um gênero oral, e levando em consideração o nosso enfoque no seminário e na lacuna existente, no que diz respeito aos seus critérios sistematizados de avaliação, entendemos que há uma relação intrínseca entre fala e escrita, e que devem ser trabalhados métodos para que sejam abordadas temáticas para que os alunos possam distinguir a diferença entre textos orais e oralização da escrita.

3 METODOLOGIA

Nossa pesquisa foi elaborada com base em uma abordagem qualitativa, ancorada em Minayo (2001), uma vez que buscamos desenvolver um estado do conhecimento sobre o gênero seminário com foco em critérios avaliativos, baseados no que pensam Romanowski e Ens (2006). Para o desenvolvimento deste trabalho, pesquisamos por estudos já existentes na área da oralidade, com enfoque no gênero seminário. Sendo assim, iniciamos a busca pelos dados, visitando o catálogo de teses e dissertações da capes, usando como palavras-chave “*gênero seminário*”¹. Também utilizamos alguns filtros para sintetizar nossos resultados, como podem verificar no quadro abaixo. Após isto, clicamos em *refinar* e adquirimos o total de 15 resultados.

Quadro 1 - Filtros de pesquisa

FILTROS DA PESQUISA	
PALAVRAS-CHAVE	“Gênero seminário”
ANO	2016 - 2018
GRANDE ÁREA	Letras, linguística e artes
ÁREA DE CONHECIMENTO	Letras, língua portuguesa, linguística aplicada e educação.
ÁREA DE AVALIAÇÃO	Letras, linguística e educação
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	Linguagens e letramentos

Fonte: Lisboa e Forte-Ferreira (2020)

m um primeiro momento, sem a utilização de filtros, iniciamos a nossa pesquisa buscando por *GÊNERO SEMINÁRIO*, obtendo assim um total de 58.117 resultados. Entretanto, com o intuito de diminuir estes números, digitamos na barra de pesquisa *AVALIAÇÃO DO GÊNERO SEMINÁRIO*, e apareceram o total de 1.111.972 textos. No entanto, nestes resultados, a palavra “*gênero*” remetia o contexto de sexualidade, ou seja, tratava do gênero como feminino ou masculino. Momentos depois, percebemos que a utilização de palavras soltas, como por exemplo “*gênero*”, sem o uso das aspas, gerava resultados de dois tipos. 1. Gênero textual e 2. Gênero sexual (masculino e feminino). A partir daí, optamos por buscar resultados utilizando como palavras-chave “*gênero seminário*”, ao fazer a busca utilizando as palavras-chave entre

aspas, alcançamos o nosso objetivo de busca, encontrando assim textos que tratavam do seminário, como gênero textual.

Figura 2 - Filtros de pesquisa

Busca "Gênero Seminário" Panel de informações quantitativas (teses e dissertações) Início > Busca 15 resultados para "Gênero Seminário" Exibindo 1-20 de 15	Grande Área Conhecimento: 5 opções ☒ LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES 8 ☒ LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES 4 ☐ CIÊNCIAS HUMANAS 1 ☐ CIÊNCIAS HUMANAS 1 ☐ MULTIDISCIPLINAR 1	Área Concentração: 8 opções ☐ 5 ☒ LINGUAGENS E LETRAMENTOS 3 ☐ ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA E LITERATURA 2 ☐ EDUCAÇÃO 1 ☐ Ensino, Ciência e Tecnologia. 1
Ano: 9 opções ☒ 2016 4 ☐ 2012 2 ☒ 2017 2 ☒ 2018 2 ☐ 2008 1	Área Avaliação: 6 opções ☐ LINGÜÍSTICA E LITERATURA 6 ☒ LETRAS / LINGÜÍSTICA 4 ☒ LETRAS / LINGÜÍSTICA 2 ☒ EDUCAÇÃO 1 ☒ EDUCAÇÃO 1	Área Conhecimento: 8 opções ☒ LETRAS 3 ☒ LETRAS 3 ☒ LÍNGUA PORTUGUESA 3 ☒ LINGÜÍSTICA APLICADA 2 ☒ EDUCAÇÃO 1

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Acesso em 26 de fevereiro de 2019

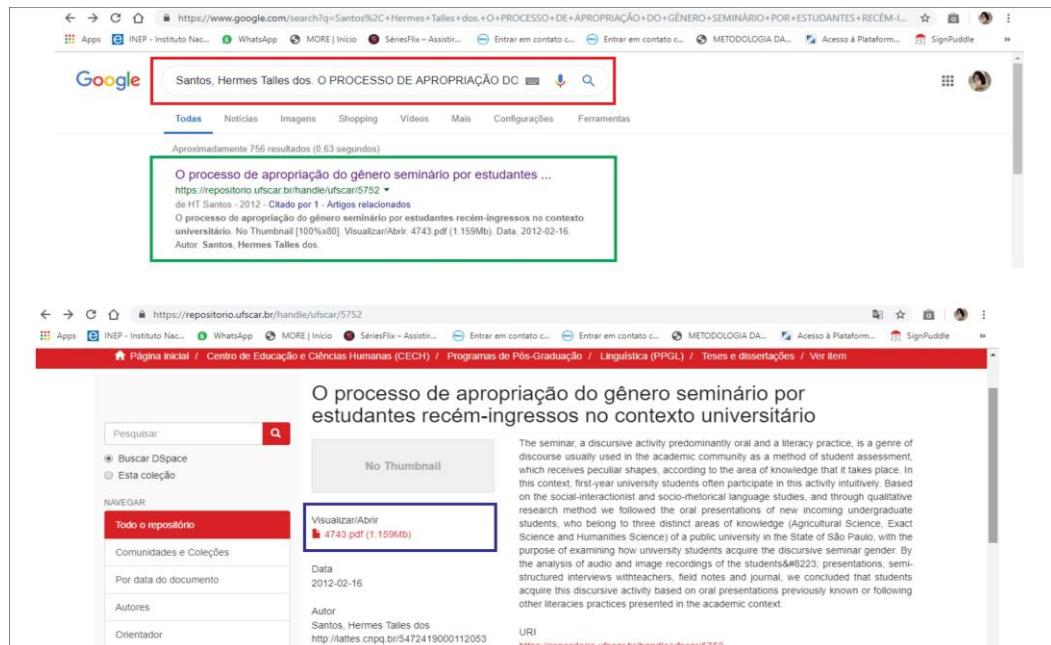
Depois de alguns dias de busca, ao entrar no banco de teses e dissertações da capes novamente, com o intuito de dar continuidade a coleta do nosso *corpus*, ainda utilizando os mesmos filtros, para nossa surpresa, não obtivemos nenhum resultado, como mostra a imagem a seguir:

Figura 3 - Busca do tema no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Fale conosco Dúvidas frequentes Serviço de informação ao cidadão - SIC		Alto contraste Tamanho da fonte
Catálogo de Teses e Dissertações		
Busca gênero seminário Buscar Panel de informações quantitativas (teses e dissertações)		
Nenhum registro encontrado, para o termo buscado.		
Catálogo de Teses e Dissertações	Central de Atendimento - 0800 616161 Copyright 2016 Capes. Todos os direitos reservados. Versão: 0.0.41	

FONTE: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Acesso em 26 de Fevereiro de 2019

Figura 5 - Busca da dissertação no google (parte 2)



Fonte: google.com.br. Acesso em 08 de março de 2019

Figura 6 - Dissertação não disponível

The image shows a Google search result for the query "produção oral no seminário possíveis apropriações em uma prática d...". The search results show a document titled "Produção oral no seminário: possíveis apropriações em uma prática de ensino" by Freitas, Patrícia Raquel, available in the Unicamp repository. The document is a 2016 master's thesis in Digital Dissertation.

The repository page shows the document details, including the citation: FREITAS, Patrícia Raquel de. Produção oral no seminário: possíveis apropriações em uma prática de ensino. 2016. 1 recurso online (155 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305691>. Acesso em: 30 ago. 2016.

The page also shows a table of associated files:

Arquivo	Tamanho	Formato
Freitas_PatríciaRaquelde_M.pdf	2.49 MB	Adobe PDF

Below the table, there are buttons for "Visualizar/Abri", "Mostrar registro completo do item", "Recomendar este item", and "Visualizar estatísticas".

The bottom part of the image shows a "Not Found" error page from the Unicamp repository. The error message states: "The requested URL /teses_digitais.phtml was not found on this server." The page also includes contact information for the Pró-Reitoria de Pós-Graduação and a notice about the digital thesis portal.

³FONTE: google.com.br. Acesso em 08 de Março de 2019.

³ Neste caso, ao abrir o documento que fizemos o download, o arquivo nos deu outro link, que nos redirecionaria para outra página, no caso, a página da biblioteca virtual da faculdade. Porém, a página encontrava-se fora do ar.

Vermelho: link que nos redireciona para o site da biblioteca virtual da faculdade; verde: página fora do ar.

De posse dos textos, procedemos com a seleção dos mesmos, que foi possível a partir da elaboração de três critérios, conforme podem observar no quadro abaixo:

Quadro 2 - Critérios de escolha das dissertações

CRITÉRIOS DE ESCOLHA DAS DISSERTAÇÕES	
OBJETO DE ESTUDO	Utilizamos esse critério, esperando que o texto tenha o objeto de estudo, em comum com o nosso, o gênero seminário.
CONTEXTO DE GERAÇÃO DOS DADOS	A nossa pesquisa, trata do gênero seminários em cursos de graduação, portanto, faz-se necessário que a geração dos dados ocorra em âmbito escolar de ensino superior.
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES	Este critério se justifica, uma vez que, a nossa pesquisa busca identificar metodologias de ensino e critérios de avaliação para o gênero seminário, ou seja, entendemos que o autor do texto, em sua pesquisa, deva tratar destas duas questões ou, pelo menos, uma delas.

Fonte: Lisboa e Forte-Ferreira (2020)

Após a elaboração dos critérios, procedemos com a seleção dos textos, fazendo aplicação dos mesmos. Primeiramente nos resumos e, em seguida, nas metodologias. Desta forma, pudemos identificar que, apenas quatro, das quinze dissertações, se encaixam em nossos critérios de escolha, podendo assim fazer parte do *corpus* da nossa pesquisa. As demais, em sua grande maioria, não se encaixaram, pelo fato de o contexto de geração de dados ter se dado em âmbitos escolares de ensino fundamental ou médio.

Em seguida, pudemos iniciar a análise dos dados e, para que esta pudesse acontecer, pensamos em algumas categorias, como também em alguns critérios, os quais podemos observar na tabela abaixo:

Quadro 3 - Categorias e critérios para análise das dissertações

CATEGORIAS E CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES		
CATEGORIA	REFERÊNCIA TEÓRICA	CRITÉRIOS
Ensino do gênero oral em sala de aula	SCHNEUWLY E DOLZ (1999) BUENO (2008) FORTE-FERREIRA (2014)	Noção de gênero
		Avaliação de seu funcionamento no quadro escolar.
		Caminho traçado para que este gênero possa ser melhor conhecido e utilizado.
Avaliação e análise de um texto oral	BUENO (2008)	Verificação do contexto em que aquele gênero foi produzido.
		Organização textual Suas marcas linguísticas e não linguísticas
Estratégias didáticas de gêneros orais	DOLZ; SCHENEWLY (1999)	Ensino que objetive o domínio do gênero

Fonte: elaboração própria.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Temos como objetivo, nesta parte da nossa pesquisa, explanar o que as produções dos trabalhos que foram desenvolvidos sobre gêneros orais, com enfoque no gênero seminário, e em que elas corroboram com o desenvolvimento de metodologias de ensino do gênero e critérios avaliativos para o mesmo. Para que nosso objetivo fosse alcançado, iniciamos uma busca no catálogo de teses e dissertações da CAPES, utilizando a palavra-chave “*gênero seminário*”, com o fim de investigar o que os autores pensam sobre metodologias de ensino utilizadas para este gênero e possíveis critérios avaliativos para ele.

Ao realizar a pesquisa com a palavra-chave, já citada anteriormente, foram encontrados 15 trabalhos, nos quais fizemos a aplicação dos nossos critérios de escolha, para analisar quais trabalhos atendem à nossa pesquisa. Como todos os trabalhos são dissertações de mestrado, usaremos terminações de “D 01” a “D 15”.

Quadro 4 - Dissertações encontradas no site do catálogo de teses e dissertações da CAPES

DISSERTAÇÕES DO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES ENCONTRADAS	
D 01	Estratégias de polidez nas (sócio) interações em seminários: um estudo de faces. (SÁ, 2011)
D 02	O gênero seminário como prática de Oralidade em sala de aula. (ANDRADE, 2018)
D 03	O Gênero Seminário Escolar: uma proposta de didatização. (FERREIRA, 2009)
D 04	O gênero seminário em educação: gestos e dispositivos didáticos. (PROBELLI, 2017)
D 05	O processo de apropriação do gênero seminário por estudantes recém-ingressos no contexto universitário. (SANTOS, 2012)
D 06	O gênero seminário escolar como objeto de ensino: instrumentos didáticos nas formas do trabalho docente. (CHAVES, 2008)
D 07	Redimensionamento das abordagens teórico-metodológicas do gênero seminário aplicáveis ao ensino fundamental. (RODRIGUES, 2016)
D 08	Sentidos-e-significados atribuídos ao gênero oral seminário: uma investigação crítica. (FERNANDES, 2014)
D 09	Produção oral no seminário: possíveis apropriações em uma prática de ensino. (FREITAS, 2016)
D 10	A educação linguística: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa nas séries iniciais. (LIMA, 2010)
D 11	Criando um ambiente de aprendizagem na sala de aula de Língua Portuguesa. (ALMEIDA, 2018)
D 12	O Hipergênero Textual Multimodal Seminário no Ensino da Língua Portuguesa (FONTEQUE, 2017).
D 13	Gêneros discursivos orais em perspectiva: a construção de sentidos em eventos de letramento na voz de acadêmicos de história. (LIMA, 2012)

D 14	Os gêneros do discurso e o ensino-aprendizagem de leitura no livro didático de português: historicização e desistoricização da linguagem e dos sujeitos. (RODRIGUES, 2016)
D 15	O seminário no fazer docente: construção, ação e avaliação da prática no contexto do ensino fundamental Nazaré da Mata 2016. (BILRO, 2016).

Fonte: elaboração própria.

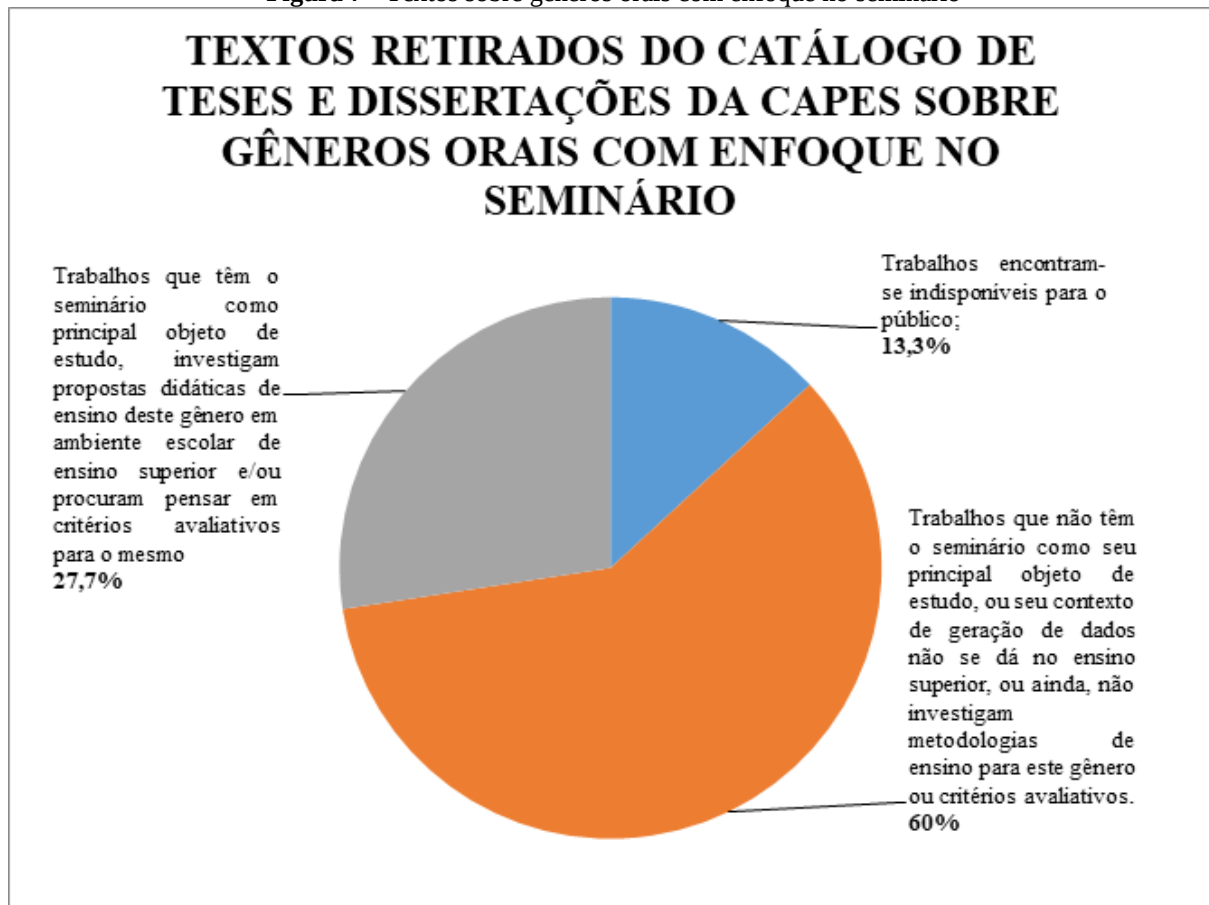
Desses quinze trabalhos, nove não se encaixaram em nossos critérios de escolha, a saber: D 02, D 03, D 06, D 07, D 08, D 10, D 11, D 14 e D 15; na época em que efetuamos a busca na plataforma, duas das dissertações não foram encontradas para *download*: D 04⁴ e D 09. E apenas quatro textos se encaixaram em nossos critérios, foram eles: D 01, D 05, D 12 e D 13.

Percebemos que o maior número de dissertações, não se encaixaram em nossos critérios de escolha. Isso porque a grande maioria destes trabalhos correspondem a pesquisas elaboradas em âmbito escolar de ensino fundamental ou médio. O que se torna um dado relevante, levando em consideração que estas 15 dissertações sobre gêneros orais, com enfoque no seminário, correspondem a 100% dos trabalhos produzidos sobre este gênero, de 2016 – 2018 (com base em nossos filtros de pesquisa).

Podemos afirmar, baseados em nosso quadro de critérios de escolha para as dissertações, que 13,3% desses trabalhos se encontram indisponíveis para o público; 60% não têm o seminário como seu principal objeto de estudo, ou seu contexto de geração de dados não se dá no ensino superior, ou ainda, não investigam metodologias de ensino para este gênero e/ou critérios avaliativos. Sendo assim, apenas 26,7% deles têm o seminário como principal objeto de estudo, investigam propostas didáticas de ensino deste gênero em ambiente escolar de ensino superior e/ou procuram pensar em critérios avaliativos para o mesmo. Para um melhor entendimento, elaboramos um gráfico que demonstra esses dados de forma mais dinâmica.

⁴ É importante mencionar que a respeito de D 04, foram encontrados apenas citações em artigos, mas não o trabalho completo para análise.

Figura 7 - Textos sobre gêneros orais com enfoque no seminário



Fonte: Lisboa e Forte-Ferreira (2020)

Como podemos perceber no gráfico, é inegável que são poucos os trabalhos que vêm sendo produzidos sobre o gênero seminário, sobretudo no tocante a metodologias de ensino e critérios avaliativos. Podemos afirmar isto, pelo fato de que, em dois anos, foram encontrados apenas 15 trabalhos que discorrem sobre este gênero, especificamente. Desses 15 trabalhos, apenas D 01, D05, D12 e D13, como já mencionado anteriormente, se encaixaram em nossos critérios de escolha.

Estes quatro trabalhos se preocupam com o ensino de gêneros orais em diversas etapas do ensino, sobretudo, no nível superior. Após finalizar a leitura dos quatro textos, fizemos uma síntese com trechos de cada um, sobre o que pensamos que possa corroborar em nossa pesquisa como critérios avaliativos e metodologias didáticas de ensino para o gênero em questão.

4.1 - Estratégias de polidez nas (sócio) interações em seminários: um estudo de faces (SÁ, 2011)

Esta pesquisa analisa dois seminários que foram realizados por uma turma de Prática de Leitura e Expressão Textual II, no curso de licenciatura em letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e foram gravados em áudio com duração de 30 minutos, podendo haver oscilação deste tempo para mais ou para menos. Era esperado que o grupo que fizesse a apresentação percebesse, a partir das reações dos ouvintes, os pontos fortes e os pontos fracos da apresentação, e avaliasse em que medida a apresentação atingiu ou não os objetivos propostos.

É importante salientar que foram apresentados nesta pesquisa nove seminários, porém foram analisados apenas dois, pelos seguintes motivos:

primeiramente, escolhemos o segundo e o terceiro seminários por termos a consciência de que os apresentadores já estariam convictos de como se comportar e proceder, já que havia ocorrido um primeiro seminário, que serviu como modelo para todos; [...] em segundo lugar, os seminários selecionados têm seus textos base retirados de livros distintos, mas seguem a mesma lógica e sequência de conteúdos; [...] último critério para a escolha dos seminários foi que o primeiro ocorreu dentro da normalidade, seguindo todos os parâmetros normais e legais; e o segundo caracterizou-se como fora da normalidade, visto que ocorreu um episódio que modificou o planejamento da equipe. (SÁ, 2011 p.51).

Neste trecho, a autora relata que utilizou três critérios para proceder com a seleção dos seminários que iriam ser analisados, a partir da observação de algumas atitudes dos alunos. Segundo Bueno e Abreu (2010, p. 120), muitos são os elementos a serem observados (durante uma apresentação de seminário) tais como: a apresentação, a fidelidade ao texto indicado, a clareza na exposição, os recursos audiovisuais empregados, a coesão do grupo etc. Baseados nesta perspectiva, analisamos os dois trechos em que a autora faz uma síntese de como ocorreram as apresentações dos seminários.

Tendo estas sínteses como base, podemos perceber, o que nós entendemos, como possíveis critérios avaliativos para o gênero, já que foram através deles que os seminários puderam ser melhor avaliados.

Faremos, inicialmente, uma síntese dos dois seminários, dando enfoque às situações acontecimentos, no intuito de avaliarmos seu acontecimento [...]. Ainda sobre o seminário 1, apesar de notarmos que o conteúdo foi bem dividido e que cada integrante da equipe tinha uma considerável parte a ser apresentada, observamos, também, que houve um monopólio de informação, ou seja, dois integrantes se destacaram, pois eram detentores do saber, superando os demais. Se levarmos em consideração, o fator tempo, podemos dizer que houve um grande excesso nesse sentido. Esse excesso pode ser explicado, primeiramente, pelo erro na transmissão de um vídeo, que foi um indício para o surgimento de muita polêmica, discussão e a quebra de uma postura polida e respeitosa[...]. Além disso, não houve um equilíbrio nas falas, ou seja, o tempo era sempre excedido por alguns, enquanto que outros dispunham de um tempo mínimo para suas falas. (SÁ, 2011, p. 52).

A fala se inicia com “apesar”, seguido de “notarmos que o conteúdo foi bem dividido”, isto significa que a autora possuía uma expectativa em relação ao conteúdo ter sido bem dividido e os integrantes da equipe possuírem uma considerável parte a ser apresentada, porém esta expectativa é quebrada quando percebemos o outro segmento que surge logo após este enunciado, em que é relatado que dois participantes da equipe possuíam um “monopólio de informações”, nos passando a ideia de que eles apresentaram uma parte maior do que a que lhes era prevista, ou que o conteúdo não foi tão bem dividido o quanto se esperava.

Em seguida é relatado que o tempo foi extrapolado por todos os participantes, uma vez que eles possuíam o total de 30 minutos para apresentar o seminário, porém este fato pode explicado pelo fato de que ocorreu um erro durante a transmissão de um vídeo, o que nos deixa subentendido que, antes da apresentação de um seminário, é necessário que seja feito um *check up* de todos os recursos audiovisuais que serão utilizados. Sobre o segundo seminário, a autora relata:

Neste seminário 2 os participantes se revezaram nos papéis de falante e ouvinte, mas isso não quer dizer que as falas tenham sido divididas democraticamente. Na maioria das vezes, notamos que A2 é o participante que controla e detém a fala. Sendo assim, para que os outros participantes pudessem conseguir a fala e a participação no seminário, era preciso que A2 tivesse sua expressão verbal momentaneamente interrompida. É interessante ainda o fato de que, algumas vezes, A2 faz perguntas sem indicar o interlocutor especificamente, como uma espécie de pergunta retórica e, em outras ocasiões, ele mesmo fornece a resposta, liderando todos os momentos da fala. (SÁ, 2011, p.54).

Este trecho acima retrata o segundo evento, em que foi apresentado o segundo seminário. O grupo responsável pela apresentação deste seminário era composto por quatro participantes, porém um deles não pode comparecer, mas apesar da ausência de um componente do grupo, o observador da pesquisa percebe uma ocorrência, cuja qual foi citada anteriormente como “fora da normalidade”, esta anormalidade, diz respeito ao fato de que apenas um dos participantes (A2) fala durante a apresentação do conteúdo em todo o evento, a autora denomina esta atitude de A2 como “liderar todos os momentos de fala”, mas percebemos esta mesma atitude na apresentação do primeiro seminário denominada como “monopólio de informação”, em que percebe-se que alguns participantes dominam mais as informações do que outros. Desta forma, após analisar a síntese destes dois eventos comunicativos, notamos o uso de 5 possíveis critérios avaliativos para o gênero, que foram:

Quadro 5 - Possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário presentes em Sá (2011)

POSSÍVEIS CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA O GÊNERO SEMINÁRIO PRESENTES EM SÁ (2011)	
1	Conteúdo bem dividido
2	Partes iguais de apresentação para todos os integrantes da equipe
3	Respeito ao tempo definido para apresentação
4	Material audiovisual
5	Equilíbrio na fala dos participantes

Fonte: elaboração própria

Sobre metodologias de ensino, procuramos analisar no texto, algo que corrobora com o pensamento de Schneuwly e Dolz (1999), uma vez que para estes teóricos, gêneros orais são utilizados como meio de articulação entre práticas sociais e objetos escolares. Eles ainda acreditam que para todo e qualquer gênero oral possa ser ensinado, devem ser trabalhadas três etapas: a noção do gênero; a avaliação de seu funcionamento no quadro escolar; e o caminho que é traçado para que este gênero possa ser melhor conhecido e utilizado. Segundo Sá (2011):

[...] foi fundamental o reconhecimento gênero do seminário enquanto um evento bem estruturado em sala de aula, tanto por parte dos alunos, quanto por parte do professor e do observador; e, de outro lado, o reconhecimento dos graduandos como futuros professores, que deveriam começar a se reconhecer como tal, uma vez que se encontravam à frente de um grupo, transmitindo conteúdos e manuseando todos os artifícios para a eficácia do evento. (SÁ, 2011 p.50)

Nesta fala, notamos a preocupação da autora em relação aos alunos conhecerem o gênero seminário não só pelo fato de serem estudantes de nível superior, mas por estarem cursando uma licenciatura e encararem o seminário como algo que iria lhes ajudar a ministrar suas aulas futuramente. Este trecho diz respeito a uma, das três perspectivas anteriormente ditas, a saber: a noção do gênero. É de suma importância que tanto alunos quanto professores, conheçam o gênero pelo qual serão avaliados, pois assim terão mais propriedades quando foram fazer uso dele. Portanto, podemos elencar como uma metodologia de ensino para o gênero seminário proposta em D 01, a noção do gênero seminário.

4.2 O processo de apropriação do gênero seminário por estudantes recém-ingressos no contexto universitário (SANTOS, 2012)

Esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de analisar o processo de apropriação do gênero seminário por estudantes de uma universidade pública do interior paulista pertencentes a três áreas distintas do saber (Ciências Agrárias, Exatas e Humanas), com o objetivo de analisar de que modo esses universitários se apropriam do gênero seminário. Com isso, o autor deste trabalho elabora quatro perguntas que, segundo ele, serão fundamentais durante o decorrer de sua pesquisa:

1. Que concepções sobre o que seja (apresentar) seminário os estudantes acompanhados demonstram em suas apresentações?;
2. Como esses estudantes orientam sua participação de acordo com o gênero seminário?;
3. Como ocorre a interação entre os participantes durante atividades com esse gênero no contexto acadêmico?;
- e 4. Como, na sala de aula, as falas/interações do/entre professor e dos próprios estudantes podem auxiliar os apresentadores a se apropriarem do gênero em questão? (SANTOS, 2012, p. 82).

Na primeira pergunta, percebemos a preocupação do pesquisador em saber se os estudantes participantes da pesquisa, conhecem o gênero seminário; na segunda pergunta observamos que ele anseia descobrir como se dá a produção dos seminários pelos seus participantes; na terceira, entendemos que ele deseja ver se há uma relação que implique na melhora da apresentação deste gênero a partir da interação do público com quem está apresentando; e na quarta pergunta se essas interações auxiliam aos estudantes a melhor utilizarem o gênero em questão.

Estas quatro perguntas, segundo ele, iriam lhe ajudar a contemplar seus objetivos de pesquisa, que são: compreender o processo de apropriação do gênero seminário, de forma a entender como os alunos realizam e participam de apresentações de seminários em suas atividades nessas áreas distintas; qual é a influência e possível contribuição na interação dos sujeitos envolvidos neste evento comunicativo para a apropriação do gênero; e quais as características apresentadas pelo gênero em questão, conforme cada área do conhecimento.

Para tanto, foram gravadas 23 apresentações de seminários nas três turmas escolhidas pelo autor. Sendo 11 da área de Ciências Agrárias, cinco de Ciências Exatas e sete de Ciências Humanas. Além disso, mais três gravações de entrevistas com as professoras ministrantes das disciplinas em que foram realizadas as gravações dos seminários. Feito isto, o pesquisador partiu para análise dos seminários, porém não de todos, visto que eram muitas apresentações para serem transcritas e analisadas, sendo assim escolheu um seminário de cada área temática.

A primeira apresentação foi escolhida por ter iniciado o dia de apresentação dos seminários. Acreditamos que essa apresentação possa ter servido possivelmente de

base para a elaboração dos seminários posteriores, pois a interação entre expositores, audiência e apreciador, e a estruturação observadas neste seminário perpassaram grande parte das demais exposições. A segunda apresentação, porque diferiu de todas as demais, do ponto de vista da prototipicidade do gênero discursivo seminário. (SANTOS, 2012, p. 82).

Santos (2012) faz uso de dois critérios que nos lembram aos critérios de escolha utilizados por Sá (2011) para seleção dos seminários a serem analisados, porém o que difere é o fato de que Santos (2012), escolhe o primeiro seminário que foi apresentado, acreditando que este servirá de base para elaboração dos próximos; e porque ambos observam eventos peculiares durante as apresentações dos seminários.

Por exemplo, em Sá (2011), a autora diz que escolheu o seminário 2 por ele ter acontecido “fora da normalidade”, já Santos (2012) justifica sua escolha dizendo que este segundo seminário “diferiu de todas as demais (apresentações)”. Além disso, Santos (2012) escolheu o terceiro seminário pelo fato deste ter sido apresentado por um aluno indígena, levando em consideração as divergências regionais e culturais (SANTOS, 2012 p. 81).

As análises de Santos (2012) são baseadas no turno conversacional de cada dupla que está apresentando. Sendo assim conforme foi analisado trechos do trabalho Sá (2011), analisaremos também trechos do trabalho Santos (2012), esperando que nestes contenham possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário e/ou metodologias de ensino. O primeiro trecho a ser analisado relata que:

No começo da apresentação, Tomé, que não possuía o turno conversacional, sentou-se à mesa que estava entre a audiência e o expositor, e se responsabilizou pela transição dos slides [...]. Maurício, o expositor, ficou à direita da sala, da audiência, e da mesa em que Tomé estava, bem próximo a esta, de forma que pudesse olhar para os slides projetados atrás de si, apenas movimentando levemente seu corpo e rosto para a esquerda, sem dar as costas para sua audiência. Durante a apresentação, Maurício fez bastantes gestos com as mãos, aparentemente tentando reproduzir valores quantitativos ou destacando alguns pontos presentes nos slides. Todos os gestos ficaram restritos à região do tronco e, assim, não chamaram a atenção para sua pessoa. (SANTOS, 2012, p.82).

Lembrando que todos os nomes mencionados acima, se tratam de nomes fictícios, percebemos que o autor relata uso de algumas marcas não linguísticas (BUENO 2008) que chamam atenção para o texto, como por exemplo, o expositor 1 não ficar de costas para sua plateia, ou gestos que ele faz com as mãos. Mais à frente, percebemos que o autor relata que estes gestos ficaram restritos ao seu tronco e não chamaram atenção para sua pessoa, o que nos implica entender que se estes gestos fossem expandidos para além do seu tronco ou mais exagerados, chamariam mais atenção para si do que para o conteúdo que estava sendo apresentado. No momento em que o expositor 2 começa apresentar, percebemos atitudes divergentes do expositor 1, vejamos:

Quando Tomé assume a turno conversacional, como expositor, ele fica em pé atrás da mesa junto à qual antes se sentara. Dessa forma, ele ficou totalmente de frente para a classe. Assim, para não ter que dar as costas para essa, ele fez a leitura dos slides na tela do computador que estava na mesa à sua frente. Os seus gestos eram um pouco mais extravagantes, porque eram feitos na altura do tórax. Ele escolheu não ler oralmente os textos dos slides. Primeiro ele fazia uma leitura rápida para saber o conteúdo a ser exposto e depois expunha esse com suas palavras. (SANTOS, 2012, p.83).

Percebemos a diferença entre os expositores a partir do momento em que este escolhe ficar totalmente de frente para o seu público e não lê os slides que se projetam atrás do seu corpo, notamos ainda que, diferentemente do expositor 1, o expositor 2 faz gestos mais extravagantes, o que talvez possa ter prejudicado a sua apresentação, chamando atenção para si e retirando a atenção do conteúdo que estava sendo apresentado. Além disto, enquanto o expositor 1 lia os slides e parafraseava com eles, o expositor 2 optou por fazer uma leitura rápida do slide e explicá-lo com suas palavras.

Deste ponto de vista, podemos pensar em gestos como um critério avaliativo para o seminário, uma vez que estes se forem usados em excesso ou de forma extravagante, podem tirar a atenção do público ou deixar a apresentação confusa. O autor ainda relata que o gênero seminário acadêmico possui uma estrutura a ser seguido: “[...] partes constituintes da estrutura do seminário: a. introdução de um tema; b. apresentações de explicações introdutórias para situar a audiência e abordagem da questão apresentada [...] e c. uma conclusão ou um fechamento do tema”. (SANTOS, 2012, p. 85).

Após analisar os dois seminários, o autor conclui que o seminário 2 não seguiu a estrutura prevista para um seminário, para ele, esta segunda apresentação se assemelhou a um *workshop*, vejamos o porquê:

Por conta da postura corporal e das tentativas de convencimento dos coenunciadores, muito explícitas nas enunciações, concluímos que o gênero empregado por esses alunos se configurava muito mais como um *workshop*, corriqueiramente entendido como uma reunião de apresentações de produtos ou temas, com intenção de venda, e que tem como base a explanação e exposição. (SANTOS, 2012, p. 85).

O tema do seminário 2 era “Conheça o Brasil”, o autor não relata quanto tempo foi determinado para cada grupo, mas explica que em relação ao seminário 1, este seminário levou menos tempo para ser apresentado, visto que, o seminário 1 teve a duração de 10 minutos, enquanto o 2 durou apenas 5 minutos. Além disto, o grupo era composto por duas pessoas, porém somente uma dominava o turno e o segundo integrante parecia apenas complementar a fala do colega Santos (2012, p. 89).

Desta forma, podemos pensar em seguir as características próprias de um seminário como um critério avaliativo, isto se explica pelo fato de que, embora os dois integrantes da

equipe estivessem apresentando o que era pra ser um seminário, suas atitudes como expositores fizeram com que este evento comunicativo acabasse passando a impressão de que se tratava de um *wokshop*, e também podemos reforçar a ideia de Sá (2011) pensando em tempo de fala igual para todos os integrantes da equipe, uma vez que notamos que apenas um dos integrantes do grupo fala durante a apresentação do seminário.

Segundo o autor, o primeiro expositor possui um estilo que pode ser considerado como próximo ao de vendedores de agência de turismo, isso se dá por conta do tema de sua apresentação, em que eles almejam conquistar aqueles que assistem seu seminário a conhecerem alguns pontos turísticos do Brasil, utilizando assim de vários gestos e movimentação corporal para se aproximar e prender a atenção do público Santos (2012, p. 89). A seguir, podemos observar uma fala que representa, o que acabamos de explicar neste parágrafo:

O Brasil possui uma das maiores extensões... com nove 90 milhões, bilhões, trezentos e sessenta e dois mil e seiscentos e catorze quilômetros quadrados é o quinto maior país do mundo, além de ter grande potencial aquário, aquoindustrial (sic)".
(SANTOS, 2012 - expositor 1 do seminário 2 - p. 89-90).

Percebemos neste trecho, uma fala corriqueira de pessoas que procuram convencer alguém com seus enunciados, já na fala do expositor 2, o autor percebeu que este desenvolveu um estilo mais próximo a de expositores acadêmicos, não se movimentava, sua fala era mais compassada do que a do expositor 1, e ficava sentado durante a apresentação, demonstrando possivelmente que não queria chamar a atenção para si, mas para o que tinha a falar.

Percebemos aqui mais um critério avaliativo para o gênero, a clareza na exposição do conteúdo (BUENO; ABREU, 2010), podemos explicar isto, baseados nas atitudes do expositor, levando em consideração as categorias que se sobressaíram ao expositor anterior, uma vez que percebemos que sua fala é mais compassada e seus movimentos são poucos, gerando assim atenção para o conteúdo que está sendo apresentado. Também é importante mencionar este critério, pois é a partir das atitudes de um dos expositores, o evento seminário, adquiriu características de um *workshop*.

Analisamos ainda a apresentação do terceiro seminário, o que foi protagonizado por um estudante indígena. Como já mencionado anteriormente, esta apresentação foi escolhida, a fim de observar aspectos linguísticos, culturais e regionais divergentes da apresentação dos demais alunos. Como os outros expositores, este aluno recebeu o nome fictício de Rafael, e ele começa a sua fala dizendo o seguinte:

Texto Slide: [Imagem de um rosto de um indígena e o título do seminário] A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INDÍGENA NA LÍNGUA PORTUGUESA.

Rafael: *Boa noite. O tema do meu seminário é [olhando para a tela de projeção] a influência da língua indígena na língua portuguesa. [Olhando para o público] O tema é totalmente o contrário do que a professora disse [coçando levemente o pescoço], mas eu achei melhor fazer isso do que... é como se fosse um trocadilho: é aqui que a História da Língua Portuguesa se encontrou com a indígena e chegou onde estamos agora.* (SANTOS, 2012, p. 105).

Na fala de Rafael, notamos que ele mesmo assume que não está apresentando o tema sugerido pela professora. Percebe-se que há um certo desconforto por parte do estudante em assumir que está descumprindo uma ordem ou uma orientação dada pela professora- avaliadora, uma vez que ele coça seu pescoço e na sequência não completa verbalmente seu pensamento, deixando vago o real motivo de sua escolha. Assim, surge o que acreditamos ser mais um critério para avaliar um seminário, a fidelidade ao texto indicado (BUENO E ABREU 2010).

[Troca de slide e leitura do texto projetado na tela do computador] QUANDO FALAMOS EM LÍNGUA INDÍGENA A PRIMEIRA COISA QUE SE PENSA É QUE TODOS OS POVOS FALAM TUPI. [olhando para a professora] *Na verdade Tupi é uma família de tronco linguístico. É uma das maiores que tem. Depois vem o Macro Gê, um dos troncos que tem* [áudio incompreensível]. [Gesticulando com ambas as mãos] *Na verdade eu vou falar, conforme a senhora [professora] já falou em algumas aulas anteriores, sobre as línguas gerais... das duas línguas gerais que houve no Brasil* [mostrando dois dedos, médio e indicador, da mão direita para o público]. *Na verdade, foram extintas não tem muito tempo. Na verdade foram extintas em grande parte. O que eu quero dizer antes de começar a falar mesmo sobre a língua é que no Brasil, onde... uma grande parte foi colonizada... na verdade, uma grande parte dele não chegou a ser colonizado, não o território todo. Quando chegaram... os colonizadores, vamos dizer assim, com essa língua foram se aproximando dos outros povos, os jesuítas e tal. Na verdade, o José de Anchieta fez uma gramática da língua Tupi e essa foi uma ferramenta que eles usaram para catequizar os indígenas. Vamos dizer assim, entre aspas* [fazendo sinais de aspas com as mãos], *para pacificar.* (SANTOS, 2012, p. 106).

Nesta parte do discurso de Rafael, notamos que devido às interrupções e retomadas de ideias, entendemos que o expositor está incomodado. Todavia, ele não desiste e continua sua exposição. Mais à frente, o autor relata que são perceptíveis alguns problemas de coesão e de organização fraseológica nas sentenças de Rafael. Talvez isto possa ser explicado pelo fato de que, conforme por ele exposto ao apresentador em momento posterior à sua apresentação, em sua aldeia o português é empregado apenas no contexto escolar sendo que nas interações cotidianas emprega-se a língua indígena de seu povo (SANTOS, 2012, p.111).

A partir das falas deste aluno, percebemos mais dois critérios avaliativos para o gênero em questão, a organização textual, e suas marcas linguísticas (BUENO, 2008). No contexto deste aluno, acreditamos se tornar compreensível a falta de coesão e organização textual, visto que este estudante é indígena e utiliza o dialeto indígena em seu dia a dia, mais do que o português. Porém, se o estudante que estiver apresentando o seminário for falante do português, é indispensável que o seu texto oral seja totalmente coeso.

Finalizamos a análise desta dissertação, observando trechos da entrevista das três professoras, que foram as responsáveis por compreender e avaliar os seminários apresentados. Nosso intuito, nesta parte, é identificar as metodologias de ensino e critérios que elas usaram para avaliar e ensinar o gênero seminário. O pesquisador inicia a entrevista com as docentes indagando o que as mesmas entendem sobre o que é um seminário, a seguir, podemos acompanhar as respostas das professoras:

Professora 1: *“O seminário, na verdade, é a apresentação de uma pesquisa, de um projeto, de um assunto sobre o qual o sujeito desenvolveu alguma reflexão, mas que se fecha em si mesmo. [...] O seminário por si só, eu imagino que contempla todas essas questões sem fazer parte de um processo. [...] Para gente não, a apresentação do trabalho é parte de algo continuado, que começou justamente com a pré-apresentação do tema, o recorte do problema de pesquisa, a pesquisa de cunho bibliográfico, a confecção do texto e que foi apresentado, simplesmente, como uma parte de um trabalho continuado”.* (SANTOS, 2012, p. 113).

Professora 2: *“Eu compreendo o seminário como uma atividade de exposição e desenvolvimento de ideias. Lógico que isso tudo tem que estar bem amarrado com o tema do seminário. É assim, não adianta ir lá e querer falar lá na frente sem ter o mínimo de compreensão do que a pessoa está fazendo ali. Ele... o grupo precisa saber que seminário é uma apresentação de um assunto, que precisa ser pesquisado e eles precisam dominar esse assunto para minimamente desenvolverem a ideia que eles têm para apresentar. Então, o seminário é uma apresentação oral de uma ideia. Oral e escrita, porque o estudante ou o grupo... ele tem que pensar também no texto que está por detrás do seu seminário. Não basta só ir falar, tem que antes ter, assim... uma elaboração de um texto. O texto que vai ser projetado, por exemplo. Quais os recursos serão utilizados? Se vai ser vídeo, som, ou só texto, ou se vai ter imagem também no seminário. Isso tudo, a meu ver, é... faz parte do seminário, do gênero seminário”.* (SANTOS, 2012, p. 114)

Professora 3: *“Seminário uma forma de avaliação, mas o que me interessa no seminário principalmente é a maneira como os alunos são capazes de dominar oralmente o assunto - aí eu já pressuponho que há uma relação com aquele conhecimento, que já foi criado por leituras em aulas prévias etc.- de que maneira eles conseguem expor isso verbalmente, não só pelo domínio, mas pela desenvoltura, ou seja, tem mais a ver com essa coisa de dominar a palavra no ambiente público, de exposição pública e no ambiente acadêmico. Aí implica o domínio da norma culta, o domínio do conhecimento, enfim, várias outras variáveis. [...] Na verdade, a questão da expressão oral está em segundo plano. Eu penso em avaliar as reflexões que o sujeito fez sobre o tema, a escolha do tema, o recorte do plano de pesquisa, a forma como ele argumentou em função de uma tese que ele pretendia defender e, embora a questão da expressão oral esteja em segundo plano, também é considerado se ele deu conta na sua apresentação de todos os pontos listados no PowerPoint - a gente vê que muitas vezes o aluno está nervoso, ele faz uma ótima apresentação de PowerPoint, mas ele passa correndo e não consegue partilhar as informações”.* (SANTOS, 2012, p. 115-116).

Na fala dessas professoras, listamos alguns itens que, segundo elas, definem um bom seminário, que são: desenvolvimento de ideias coerentes com o tema escolhido; os recursos que serão utilizados durante a apresentação, ou seja, uma organização prévia e checagem do material audiovisual que será utilizado; domínio dos alunos sobre a temática abordada; se o conteúdo apresentado tem relação com o que já foi ministrado em aulas anteriores, ou com o

texto que foi distribuído anteriormente; domínio da norma culta da língua, uma vez que o seminário está sendo apresentado em um ambiente acadêmico; reflexões que o sujeito faz sobre o tema, o que se encaixa também no desenvolvimento de ideias coerentes com o tema; escolha do tema; recorte do plano de pesquisa; a forma como o aluno argumenta, o que se encaixa no uso da norma culta e domínio do conteúdo; e, por último, se a apresentação contempla todos os itens contidos no slide do *power point*.

Dessa forma, é preciso considerar que a experiência adquirida com as atividades acadêmicas influencia na realização dos gêneros discursivos que circulam nessa esfera, pois todas as atividades linguístico-discursivas desse contexto fazem parte de um conjunto maior.

Quadro 6 - Possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário presentes em Santos (2012)

POSSÍVEIS CRITÉRIOS AVALIATIVOS PARA O GÊNERO SEMINÁRIO CONTIDO EM SANTOS (2012)	
01	Postura do participante
02	Gestos que o apresentador faz
03	Seguir a estrutura do gênero seminário acadêmico (introdução de um tema; apresentações de explicações introdutórias para situar a audiência e abordagem da questão apresentada e uma conclusão ou um fechamento do tema).
04	Mesmo tempo de fala para todos os integrantes do grupo
05	Fala compassada
06	Fidelidade ao texto indicado
07	Organização textual e suas marcas linguísticas
08	Fazer uso dos itens que compõem a apresentação de um seminário (pré apresentação do tema, recorte do problema da pesquisa, pesquisa de cunho bibliográfica, confecção do texto que foi apresentado).
09	Desenvolvimento de ideias coerentes com o tema
10	Planejamento prévio da apresentação do seminário (organização do material audiovisual, por exemplo)
11	Domínio do assunto
12	Desenvoltura do discente durante a apresentação
13	Domínio da norma culta
14	Verificar se a apresentação contempla todos os itens contidos no <i>power point</i>

Fonte: Elaboração própria.

4.3 O hipergênero⁵ textual multimodal seminário no ensino da língua portuguesa (FONTEQUE, 2017)

Esta pesquisa procura produzir, implementar e analisar uma sequência de atividades orientada pelo gênero seminário acadêmico. Para tanto, segundo a autora, foram realizados seis procedimentos: 1. identificação de produções científicas a respeito do trabalho com seminário acadêmico em contextos educacionais de ensino; 2. análise da presença de gêneros textuais orais, em especial do seminário, em livros didáticos, a fim de verificar se esse objeto tem sido discutido na educação básica (fase considerada alicerce para a formação em nível superior); 3. produção de um modelo teórico do gênero seminário acadêmico; 4. elaboração de uma sequência de atividades; 5. implementação e análise da sequência em uma turma de curso superior em licenciatura; 6. e, ao final de tudo, a descrição da intervenção didática realizada.

A autora compõe seu *corpus* com três artigos sobre gêneros orais, com enfoque no seminário, já publicados, como também com gravações das apresentações de seminários dos alunos. Em um primeiro momento, sem explicar nada sobre o gênero em questão, a pesquisadora lança para os alunos a proposta de um seminário com o tema livre, seu objetivo é analisar quais são os conhecimentos que os alunos têm sobre o gênero seminários.

Partindo desta primeira apresentação, ela analisa pontos positivos e negativos, para assim, elaborar oficinas que poderão contribuir para o desenvolvimento do alunado. Estas oficinas, podem ser contabilizadas aqui como uma metodologia diversificada de ensino do gênero, uma vez que a professora identifica os possíveis entraves enfrentados pelos seus alunos e procura uma forma de resolvê-los. Como a dissertação é composta por três artigos, achamos importante traçar uma síntese explicativa sobre eles, para que melhor possamos entender sobre o que cada um trata.

Quadro 7 - Artigos analisados por Fonteque (2017)

ARTIGO	SÍNTESE
Pesquisas sobre oralidade e gênero textual seminário: revisão sistemática de literatura	Este artigo busca identificar as produções científicas disponíveis na Plataforma Sucupira e também em alguns

⁵ Neste trabalho, segundo a autora, o seminário acadêmico é apresentado como um hipergênero, pelo fato de que, ao analisar como ele se constitui na prática, foram identificados outros gêneros e práticas que colaboram para sua construção e realização como um todo, como a presença do roteiro de apresentação, a produção de slides, a exposição oral, o uso de elementos paralinguísticos, entre outros que, juntos, contribuem para a construção desse hipergênero nas instituições de ensino superior.

	periódicos de revistas acerca do trabalho com gêneros textuais orais, mais especificamente o seminário.
Modelo teórico do hipergênero textual multimodal seminário acadêmico	Este trabalho consiste na elaboração em um modelo teórico do hipergênero “seminário acadêmico”, pois, para a produção de uma sequência de atividades fez-se necessário compreender como esse gênero é constituído na prática em sala de aula.
Análise do gênero textual seminário presente em livro didático de português	Esta produção procura refletir acerca de um capítulo de um livro didático com foco no seminário, procurando verificar se tal capítulo contempla as recomendações e orientações realizadas pelos aportes legais no que diz respeito à oralidade, considerando as características e particularidades do gênero.

Fonte: elaboração própria.

Além destes três, teve ainda um quarto artigo intitulado “Descrição da implementação de uma sequência de atividades sobre seminário acadêmico em curso de ensino superior”, o qual, segundo a autora, consiste na descrição da implementação da sequência de atividades conduzida pelo hipergênero multimodal “seminário acadêmico”, no primeiro ano de um curso de Letras de uma universidade pública. Um dado interessante que encontramos na dissertação, foi a imagem de uma folha de um livro didático, em que contém critérios e categorias avaliativas, para o gênero seminário:

Figura 9 – Critérios de avaliação de seminários apresentados no livro didático

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO				
Posicionamento do apresentador	Fala e voz	Linguagem	Olhar	Tempo
Verifique se o apresentador: • falou em pé, com o roteiro nas mãos; • demonstrou domínio do conteúdo; • nunca deu as costas ao público ao usar os recursos audiovisuais; • ficou bem-posicionado e movimentou-se entre o público (se possível).	Verifique se o apresentador: • falou alto e claro e variou a entonação, evitando monotonia; • explorou pausas e velocidade em determinadas falas para ressaltar pontos importantes.	Verifique se o apresentador: • utilizou uma variedade de acordo com a norma-padrão, com grau de formalidade adequado ao perfil dos interlocutores; • evitou palavras de baixo calão, gírias e expressões da linguagem oral; • empregou e explicou adequadamente vocábulos e conceitos específicos da área pesquisada; • fez uso de expressões de reformulação, isto é, aquelas que permitem explicar de outra forma uma palavra, um conceito, uma ideia complexa.	Verifique se o apresentador: • olhou para o público, observando reações positivas e negativas; • olhou para todas as pessoas uniformemente, sem privilegiar um único interlocutor; • usou adequadamente o roteiro, fazendo consultas rápidas, sem interromper o pensamento e sem abaixar o tom da voz.	Verifique se o apresentador: • controlou e organizou bem o tempo, sendo capaz de ajustar a exposição ao tempo estipulado.

Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 295) *apud* Fonteque (2017)

Sobre as oficinas, a primeira delas foi implementada após a apresentação do primeiro seminário, com o intuito de fazer com que os alunos conhecessem o gênero seminário. Depois disto, foram apresentados outros seminários e, sempre após a apresentação de cada tema, era feito um *feedback* com o objetivo de perceber em que os alunos tiveram mais dificuldades, para que em cima dessas dificuldades, pudesse ser pensada e aplicada uma nova oficina. Ao todo foram cinco oficinas, vejamos a seguir os temas trabalhados dentro delas:

1ª Oficina: Conhecendo o hipergênero textual “seminário acadêmico” e questionário diagnóstico.

2ª Oficina: Vocabulário, expressão corporal e aparência.

3ª Oficina: Recursos audiovisuais em uma apresentação de seminário acadêmico.

4ª Oficina: Produção de banner de gaveta sobre aspectos relevantes em uma apresentação de seminário acadêmico.

5ª Oficina: Elaboração de um roteiro de apresentação de seminário acadêmico. (FONTEQUE, 2017, p. 17)

Depois da aplicação das cinco oficinas, foi apresentado um último seminário, em que foi percebido uma excelente melhora no tocante às apresentações anteriores a ele. Segundo a autora, após a implementação, foi percebido que os acadêmicos passaram a enxergar o seminário como um hipergênero formal e que, para sua realização, é necessário levar em conta a elaboração de materiais de apoio, considerar o público a que se destina, o vestuário, a produção de recursos audiovisuais.

Além disso, foi passada a compreensão de que o seminário não é apenas uma simples apresentação de trabalho, é muito mais que isso, pois envolve pesquisa e planejamento para que o seminário seja realizado com sucesso e qualidade. Com base nas apresentações dos seminários, a autora desenvolveu um quadro com os critérios avaliativos e quantas vezes eles apareceram nas apresentações de cada seminário.

Figura 8 - Itens contemplados na produção de um seminário acadêmico

ITENS CONTEMPLADOS NA PRODUÇÃO DE UM SEMINÁRIO ACADÊMICO			
Antes da apresentação			
Item	Detalhamento	Seminários 1	Seminários 2
Preparação	Pesquisa em fontes diversas pautada em referenciais	8 sim	8 sim
	Elaboração de roteiro de realização do seminário	0 sim	8 sim
	Organização do ambiente	6 sim	8 sim
Produção de slides	Título	8 sim	8 sim
	Uso de legendas quando necessário	8 sim	8 sim
	Letras legíveis	8 sim	8 sim
	Uniformidade no tamanho das letras	6 sim	8 sim
	Frases curtas	5 sim	8 sim
	Uso de poucas linhas	5 sim	8 sim
	Uso de palavras-chave	5 sim	8 sim
	Uso de cores contrastantes	8 sim	8 sim
	Uso de uma ideia em cada <i>slide</i>	5 sim	8 sim
	Um desenho em cada <i>slide</i>	6 sim	8 sim
	Plano de fundo adequado	7 sim	8 sim
Durante a apresentação			
Item	Detalhamento	Seminários 1	Seminários 2
Execução do roteiro	Cumprimento	7 sim	8 sim
	Apresentação pessoal	5 sim	8 sim
	Apresentação da temática	8 sim	8 sim
	Apresentação das etapas	0 sim	5 sim
	Desenvolvimento	8 sim	8 sim
	Recapitulação e síntese	0 sim	4 sim
	Considerações finais	5 sim	6 sim
	Referências bibliográficas	3 sim	8 sim
	Encerramento e agradecimento	6 sim	8 sim
	Abertura para perguntas	4 sim	7 sim
	Atividades	0 sim	8 sim
	Informações de contato	0 sim	8 sim
Exposição oral	Tom de voz normal	6 sim	8 sim
	Vocabulário adequado ao contexto	7 sim	8 sim
	Pronúncia das palavras corretamente	7 sim	8 sim
	Utilização de palavras repetitivas	8 sim	8 sim
	Utilização de gírias	6 sim	8 sim
	Utilização de vícios de linguagem	8 sim	3 sim
	Utilização de vocabulário técnico específico	8 sim	8 sim
	Uso de estrangeirismos	8 sim	8 sim
Gestos e Expressões faciais	Mãos nos bolsos	4 sim	1 sim
	Movimentação lenta (anda)	2 sim	8 sim
	Gesticulação das mãos em excesso	6 sim	1 sim
	Postura	4 sim	7 sim
	Posição: fica de lado ou de costas para o público	3 sim	0 sim
	Posição: sem noção de espaço (fica na frente dos colegas)	3 sim	1 sim
Aparência	Posição: olhar para o público	5 sim	8 sim
	Roupas condizentes com o contexto do seminário	6 sim	8 sim
Demais Itens	Acessórios discretos	8 sim	8 sim
	Papel ou caneta nas mãos	8 sim	8 sim
	Respeito enquanto a própria equipe apresenta	8 sim	8 sim
	Consideração do público	8 sim	8 sim
	Respeito ao tempo de realização	4 sim	8 sim

Fonte: Fonteque (2017, p. 132).

No quadro acima percebemos que a autora sintetizou os resultados de sua pesquisa em uma tabela, nela aparecem critérios para avaliar tanto o seminário, quanto os *slides* dos

discentes. Notamos também que estes critérios estão divididos em algumas categorias, como por exemplo, a aparência é um critério a ser avaliado, todavia, podemos dividi-lo em duas categorias que são: roupas condizentes com o contexto seminário e acessórios discretos. Como percebemos, Fonteque (2017) nos traz diversas contribuições no tocante a critérios avaliativos e a metodologias de ensino, isto porque a realização das atividades oportunizou o conhecimento sobre os itens indispensáveis na execução de um seminário, além de permitir a reflexão sobre como produzi-lo da melhor maneira possível.

4.4 Gêneros discursivos orais em perspectiva: a construção de sentidos em eventos de letramento na voz de acadêmicos de história (LIMA, 2012)

Esta pesquisa tem como objetivo abordar os gêneros discursivos orais e seus usos em relação com a sala de aula em um curso de licenciatura em História. O estudo ocorreu na Universidade Regional de Blumenau (FURB). Para prosseguir com sua pesquisa, o autor questiona que sentidos são construídos por acadêmicos de História para os eventos de letramento em sala de aula, que envolvem gêneros discursivos orais? Desta forma, busca-se compreender os sentidos que os alunos em formação inicial de História, da FURB, constroem para os gêneros discursivos orais em eventos de letramento dos quais participam em sala de aula. O *corpus* deste trabalho, foi construído a partir de entrevistas com os alunos e professores ministrantes das disciplinas.

Esta pesquisa não investigou critérios avaliativos para o gênero em questão, apenas procura entender como os gêneros orais são trabalhados em sala de aula e como os estudantes se apropriam do mesmo. Por este motivo, analisaremos as falas dos professores e alunos em que discursam como trabalham estes gêneros em sala de aula, a fim de identificarmos informações que contribuam para nossa pesquisa como possíveis metodologias de ensino e critérios avaliativos para o gênero supracitado.

O primeiro aluno entrevistado, responde o questionamento sobre em quais momentos eles mais se expunham oralmente em sala de aula. A resposta é:

Hãaa, o que os professores trabalham bastante é a dinâmica do seminário, né, nós temos um texto, esse texto é dividido em grupos e cada grupo apresenta o seu né:: / e a gente tenta fazer um debate em cima disso né, mas esse é o momento assim que mais se fala, lógico que durante a exposição dos professores sempre tem um momento de pergunta, mas no momento que NÓS alunos falamos mais é o seminário, essa dinâmica assim. (LIMA, 2012, p.32).

Nesta fala do primeiro entrevistado, chamamos atenção para a parte em que ele explica como acontece o seminário em sala de aula, ele explica que “*nós temos um texto*”, mais adiante evidencia que este texto é dividido para grupos, e que “*cada um apresenta o seu*”. Assim como nas análises dos textos anteriores, mais uma vez o critério da leitura antecipada do texto, que implica no domínio do conteúdo apresentado, aparece.

Este possível critério nos passa a ideia de que o seminário só será bem apresentado se o aluno ler o texto antecipadamente e tiver domínio sobre ele. Também podemos justificar este critério avaliativo, uma vez que o professor já tem conhecimento do texto e domínio do mesmo, podendo assim avaliá-lo com propriedade, diferente dos seminários que são apresentados com temas livres que, por exemplo, se o aluno escolher apresentar algo sobre um tema que o professor não domine, será mais difícil de avaliá-lo.

Além do seminário, aparece na fala do primeiro entrevistado, outro gênero discursivo oral, a aula expositiva dialogada: “*lógico que durante a exposição dos professores sempre tem um momento de pergunta*”. Pensamos nessas aulas expositivas, como uma possível metodologia de ensino para os discentes, uma vez que dentro destas aulas existem um momento para perguntas, conforme o texto do entrevistado. Em um outro momento da entrevista, o aluno é questionado sobre mais dois gêneros orais, o debate, e entrevista. Em sua resposta, ele cita apenas que está trabalhando a entrevista pelo fato de pagar uma disciplina que exige o bem manusear deste gênero. Contudo, mais adiante ele esclarece que:

a professora [...] que é professora responsável por estágio, então, ela trabalha bastante também essa questão da oralidade né, como falar na sala de aula, qual a postura que o professor deve adotar, é:: quais são as dicas, pra um professor poder falar com seus alunos é:: nivelar o tom de voz não falar muito alto, não falar muito baixo. (LIMA, 2012, p. 42).

Neste trecho do enunciado, de forma indireta, podemos identificar uma preocupação da parte da professora, no que diz respeito à forma como os alunos devem se portar em sala de aula, no momento da ministração das aulas do estágio. Embora se trate de uma orientação para o momento da ministração das aulas de estágio, podemos utilizar algumas destas orientação como critérios avaliativos para o gênero seminário, uma vez que o mesmo é semelhante a ministração de uma aula, em que percebemos a troca de papéis que há entre professor e aluno, pois os discentes assumem o papel do docente, ficando responsáveis pela ministração do conteúdo e, o docente, de ouvinte, sendo responsável também pela avaliação da explanação do conteúdo.

Pois bem, percebemos dois possíveis critérios para avaliação que seriam: nivelamento do tom de fala e a postura do discente, o que nos remete a dois critérios já citados na análise de

Fonteque (2017). Ressaltamos ainda a palavra “dica” usada pelo sujeito. As dicas são compreendidas como uma informação útil, um breve conselho, um alerta. Estas dicas é o que parecem alertar os acadêmicos quanto à postura oral com seus futuros alunos.

A segunda pessoa entrevistada, teve o mesmo questionamento que o primeiro entrevistado, sobre em quais momentos os alunos mais se expunham de forma oral em sala de aula. A resposta foi idêntica ao do entrevistado anterior, uma vez que a entrevistada relata que o momento em que há mais exposição oral, são os momentos das apresentações de seminários. Porém uma parte do enunciado desta entrevistada, nos chama atenção:

[...] é no seminário que / é:: dependendo né da conversa dependendo do texto é:: funciona bem” a hora que a gente se expõe de fato expõe nossa opinião, MAS depende também de que tipo de seminário, de que tipo de conteúdo, é tem vezes que o seminário não funciona, né’ que simplesmente alguém está falando e o resto né fica pensando né na morte da bezerra mhm [sic] mas, tem horas que funciona e quando funciona é bacana assim, e são essas horas que:: a discussão ela, ela toma corpo. (LIMA, 2012, p. 41 - 42).

Neste trecho da entrevista, a partir da fala da entrevistada sobre o funcionamento do seminário, percebemos um aspecto importante: o bom funcionamento do seminário se dá conforme o texto escrito que é trabalhado, ou seja, parece ser relevante que o aluno tenha interesse pelo conteúdo/texto, para assim ter o domínio sobre o mesmo, caso contrário, isso não demonstrará interesse dos ouvintes, eles ficarão, como disse a entrevistada, “pensando na morte da bezerra”, o que entendemos como pessoas distraídas que não estão compreendendo o que está sendo apresentado.

Esta entrevistada ainda foi questionada se durante a graduação aprendiam sobre exposição oral, debate, entrevista e seminário, ao que responde:

Não ((risos)), não a gente foi aprendendo a lidar com a situação, alguns professores né, no início, daí pediam né:: que a gente fi ficasse em círculo, né:: e fosse esquematizando a turma, mais assim aprender metodologicamente, algum professor que venha lá né ditasse as regras é:: não, não que e me lembre pelo menos, foi um hábito que a gente foi adquirindo assim né. (LIMA, 2012, p. 43).

Entendemos com esta resposta, que nenhum professor que explicasse metodologicamente como proceder com os gêneros discursivos orais. Nos chama atenção também o fato de que os professores solicitam para que os alunos fiquem em círculo. Esta atitude nos remete a outro método de aula, em que é necessária uma reorganização do espaço físico da sala de aula para dar lugar a uma outra forma de interação entre os sujeitos.

Como o foco desta pesquisa, era entender como os alunos se apropriam dos gêneros orais no curso de licenciatura em história, analisamos apenas quatro falas em que o gênero seminário aparece como protagonista. Desta forma buscamos encontrar nestas falas possíveis

metodologias de ensino e critérios de avaliação. Faremos um quadro que contenham estes dados de forma sintetizada.

Quadro 8 - Possíveis metodologias de ensino e critérios de avaliação contidos em Lima (2012)

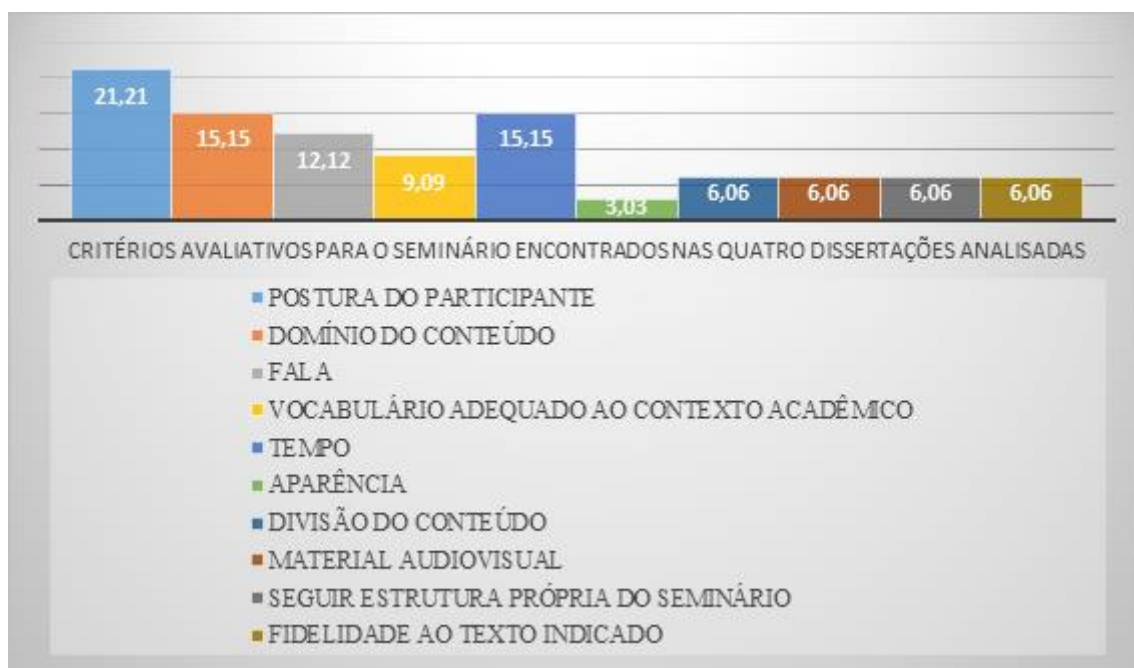
POSSÍVEIS METODOLOGIAS DE ENSINO E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO CONTIDOS EM LIMA (2012)	
METODOLOGIAS DE ENSINO	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
Aulas expositivas dialogadas sobre o gênero seminário	Leitura prévia do texto
	Nivelamento do tom de fala
	Postura do discente
	Domínio do Conteúdo

Fonte: Elaboração própria.

Após a análise das quatro dissertações, com base na quantidade de vezes que percebemos a repetição dos possíveis critérios avaliativos para o seminário, elaboramos um gráfico que contém todos esses critérios. Além destes critérios encontramos uma possível metodologia de ensino de gêneros orais, que consiste na aplicação de oficinas sobre esses gêneros antes ou após uma apresentação de qualquer gênero deste tipo.

Estas oficinas podem ser baseadas nos pontos negativos das apresentações dos alunos e em *feedbacks* dados pelos próprios discentes sobre seus possíveis entraves com o gênero em questão. Esperamos que a nossa pesquisa possa contribuir com um maior crescimento de ensino desses gêneros no âmbito de ensino, seja ele qual for o nível, como também com uma melhor avaliação para os mesmos, sobretudo para o seminário, que é o nosso objeto de pesquisa.

Figura 9 - Possíveis critérios avaliativos



Fonte: Lisboa e Forte-Ferreira (2020).

Sobre os critérios contidos no gráfico, ainda com base nas análises dos nossos dados identificamos algumas categorias que podem ajudar a melhor avaliá-los:

Quadro 9 - Possíveis critérios avaliativos para o gênero seminário acadêmico

Postura do Participante	Não dar as costas ao público
	Gesticulação das mãos em excesso
	Desenvoltura durante a apresentação
Domínio do Conteúdo	Desenvolvimento de ideias coerentes com o tema
	Verificar se a apresentação contempla todos os itens contidos no <i>power point</i> .
Fala	Compassada
	Nivelamento no tom
Vocabulário adequado ao contexto acadêmico	Domínio da norma culta
Tempo	Respeito ao tempo definido para apresentação
	Equilíbrio no tempo de fala dos participantes
Aparência	Roupas condizentes com o contexto seminário
	Acessórios discretos
Divisão do Conteúdo	Partes iguais de apresentação para todos os integrantes da equipe
Material Audiovisual	Organização do material antes da ocorrência de apresentação
Seguir a estrutura própria do gênero seminário	Introdução do tema
	Apresentações de explicações introdutórias para situar a audiência e abordagem da questão apresentada

	Conclusão ou fechamento do tema
Fidelidade ao texto indicado	Leitura prévia do texto

Fonte: Lisboa e Forte-Ferreira (2020).

O quadro acima mostra os possíveis critérios avaliativos retirados das dissertações a partir de nossas análises. Para a construção deste quadro, utilizamos o critério da repetição, de maneira que, conforme esses possíveis critérios iam aparecendo de forma repetida em cada dissertação analisada, íamos agrupando-os. Ressaltamos que foi citado um número acima de dez critérios, e para fins de organização, elaboramos nossa tabela em duas colunas, sendo os critérios e os subcritérios.

Nesse sentido, no que diz respeito a aplicabilidade dos nossos resultados em sala de aula, acreditamos que esses subcritérios podem ajudar o professor a avaliar os alunos nas apresentações realizadas em sala de aula. No critério “postura do participante”, por exemplo, o professor pode orientar e avaliar seus alunos em como se portar mediante sua paleteia – não ficar de costas, organizar o grupo no momento da apresentação de acordo com o espaço da sala, a desenvoltura em relação aos demais colegas etc.

A partir desses resultados, acreditamos que conseguimos traçar um panorama desses possíveis critérios para o trabalho com a oralidade em sala de aula, sobretudo com o gênero seminário, pois o professor terá mais mecanismos para ensinar, analisar e avaliar os alunos no momento de apresentação de seminário. Mediante isso, os alunos também estão envolvidos de forma mais efetiva no processo de ensino/aprendizagem, pois eles terão acesso aos critérios de avaliação que serão usados pelo professor.

5 CONSIDERAÇÕES (SEMI)FINAIS

Sabendo que existe muito mais a ser investigado acerca do gênero seminário nos cursos de graduação, deixamos aqui nossas considerações (semi) finais. Iniciamos esta pesquisa a fim de discutirmos sobre as lacunas existentes no que diz respeito aos critérios avaliativos para o gênero seminário, bem como, identificar as metodologias de ensino para este mesmo gênero. Para tanto, iniciamos nossa pesquisa buscando por trabalhos já existentes na área para que, através deles, pudéssemos identificar possíveis entraves enfrentados por docentes e discentes durante o ensino/aprendizado do gênero seminário e, a partir disso, buscar por critérios avaliativos e metodologias de ensino.

Após visitarmos a catálogo de teses e dissertações da CAPES, encontramos 15 dissertações, das quais após aplicação dos critérios de escolha (objeto de estudo, contexto de geração dos dados e procedimentos de análises), apenas 09 dissertações se encaixaram nos mesmos. Na época em que as buscas foram feitas (2018), cinco desses trabalhos não estavam disponíveis para *download* o que implicou na análise de apenas 04 dissertações. Inicialmente, lemos as metodologias de cada um para que pudéssemos entender como aquele trabalho foi desenvolvido, quais eram seus objetivos e quais foram os sujeitos da pesquisa. Em seguida, lemos as análises, os resultados e as considerações finais. Para que nossos objetivos fossem alcançados, buscamos identificar os possíveis entraves enfrentados por professores e alunos, para que a partir deles, pudéssemos pensar em critérios avaliativos e metodologias de ensino para o gênero em questão.

Após percorrer o caminho acima descrito, foi possível identificar dez possíveis critérios avaliativos (LISBOA; FORTE-FERREIRA, 2020) que estão subdivididos em 18 partes, além de encontrarmos também um modelo de oficina que pode ser realizado em sala de aula para que os alunos possam compreender como é produzido e apresentado um seminário (FONTEQUE, 2017). Com base nos dados encontrados, esperamos que este trabalho possa, de alguma forma, auxiliar professores e alunos nos mais diversos âmbitos de ensino, ajudando no momento de inserção, ensino e apresentação do gênero seminário em sala de aula.

Diante do que foi encontrado ao final dessa primeira etapa de nossa pesquisa, percebemos que, embora haja uma grande preocupação no que diz respeito ao ensino de gêneros orais nas escolas, ainda percebemos uma lacuna no tocante às metodologias de ensino e critérios de avaliação para o gênero seminário. Contudo, após a análise destas quatro dissertações encontramos alguns possíveis critérios avaliativos para o gênero, como também possíveis

metodologias didáticas de ensino para o mesmo, que esperamos contribuir para o fazer docente no tocante ao ensino e avaliação do gênero supracitado, ou seja, acreditamos que as metodologias de ensino e os critérios avaliativos melhor auxiliarão os professores em um momento de avaliação deste gênero tão recorrente nas mais diversas universidades do mundo, preenchendo uma parte desta lacuna que encontra-se aberta.

Diante destas informações, nós, enquanto pesquisadoras, nos deparamos com uma vasta gama de possibilidades para realização de novos trabalhos que venham a dar continuidade à presente pesquisa, com proposições metodológicas e didáticas que corroborem com o trabalho de professores e pesquisadores da área.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. [Tradução de Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BUENO, L. COSTA-HUBES, T. C. (Org.). **Gêneros orais no ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.
- BUENO, L. **Gêneros orais na escola**: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 11, n. 1, jan./jun. 2009.
- BUENO, L.; ABREU, C. **Gêneros orais na universidade**: relato de uma experiência com o seminário. Synergies Brésil, São Paulo, n. 8, p. 119-125, 2010.
- BUENO, L. **Gêneros orais na escola**: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 07 - 18, jan./jun. 2009.
- DOLZ, J. *et al.* A exposição oral. In: SHCNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 215-246
- FONTEQUE, V. S. **O hipergênero textual multimodal seminário no ensino da língua portuguesa**. 147 f. Mestrado Profissional em ensino. Universidade Estadual do Norte Do Paraná, Cornélio Procopio, 2017.
- FORTE-FERREIRA, E. C. **A oralidade como objeto de ensino**: por uma perspectiva de desenvolvimento da língua oral a partir do gênero debate. 226f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- FORTE-FERREIRA, E. C. **Oralidade como objeto de ensino**: por uma Perspectiva de Desenvolvimento da Língua Oral a Partir do gênero debate. 2014. 229 f. Tese (Doutorado), UFC, Fortaleza, 2014.
- KOCH, I. V. A atividade de produção textual, in: **O texto e a construção dos sentidos**. 9ed. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 11-30.
- Lima, A. J. **Gêneros discursivos orais em perspectiva: a construção de sentidos em eventos de letramento na voz de acadêmicos de história** 01/03/2012 85 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, Blumenau, 2012.
- LISBOA, D. A. O.; FORTE-FERREIRA, E. C. **O Gênero Seminário em cursos de graduação: metodologias de ensino e critérios de avaliação**. In: FORTE-FERREIRA, E. C.; LIMA-NETO, V. (org.). **Oralidade e (multi)letramentos no ensino de línguas**. São Carlos: Pedro e João, 2020. p. 29-42. Disponível em: <<https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/oralidade-e-multiletramentos-no-ensino-de-linguas/>>. Acesso em: 09 out. 2022.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. **Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita**. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 13-30.
- MILANEZ, W. **Pedagogia do oral**: a elocução formal sob o prisma textual-interativo. 207f. Tese (Doutorado em Ciências – Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”**. Diálogos Educacionais, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.

SA, A. C.A.. **Estratégias de polidez nas (sócio) interações em seminários: um estudo de faces'** 27/03/2013 211 f. Mestrado em LINGUAGEM E ENSINO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande, 2011.

Santos, H. T. **O processo de apropriação do gênero seminário por estudantes recém-ingressos no contexto universitário'** 01/02/2012 140 f. Mestrado em LINGUÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS, 2012.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Os gêneros escolares das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. Revista Brasileira de Educação, nº 11, 1999. p. 05 - 16. Jun/Jul/Ago 1999.